

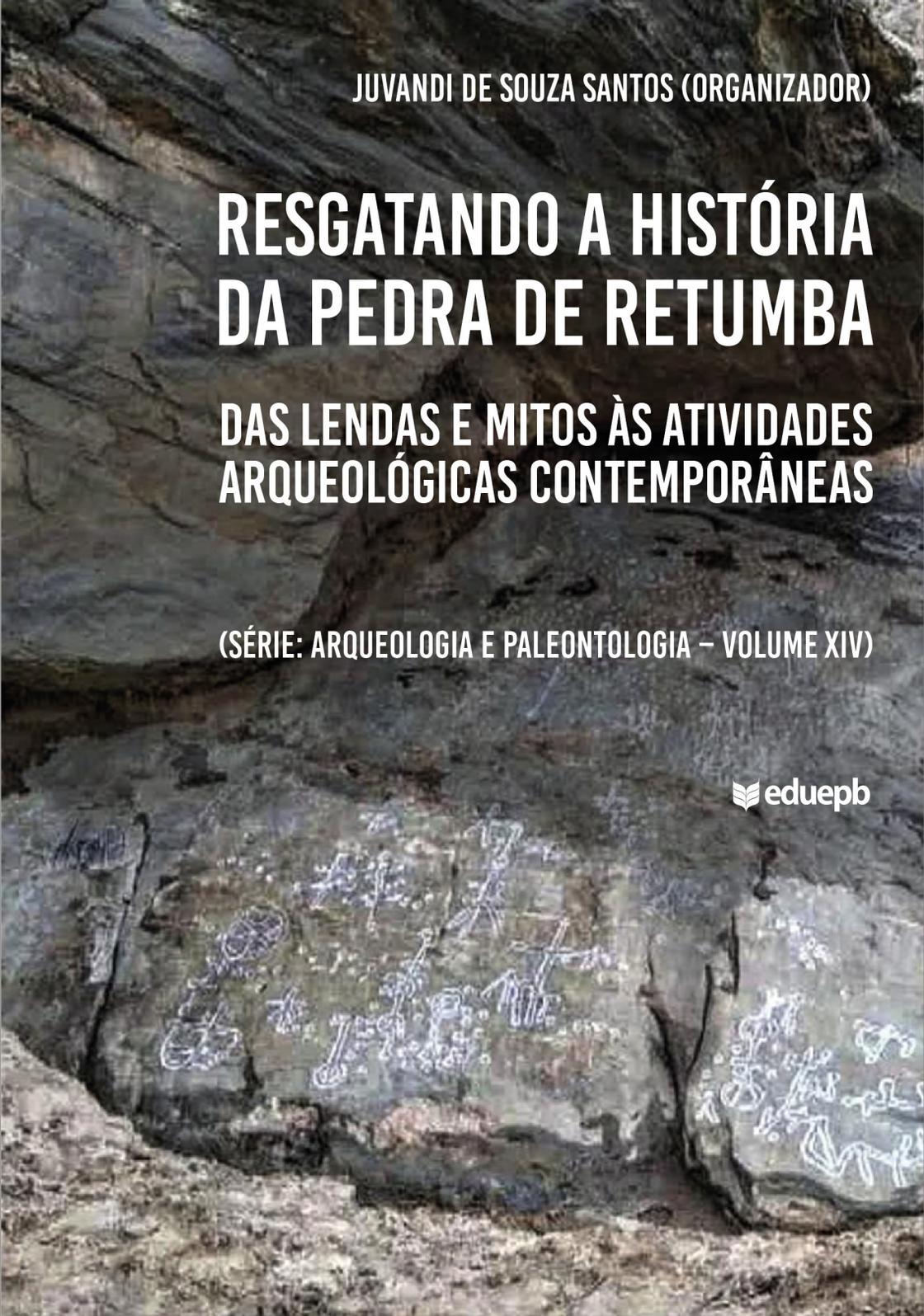
JUVANDI DE SOUZA SANTOS (ORGANIZADOR)

REGATANDO A HISTÓRIA DA PEDRA DE RETUMBA

DAS LENDAS E MITOS ÀS ATIVIDADES
ARQUEOLÓGICAS CONTEMPORÂNEAS

(SÉRIE: ARQUEOLOGIA E PALEONTOLOGIA – VOLUME XIV)

 eduepb





Universidade Estadual da Paraíba

Profª. Célia Regina Diniz | *Reitora*

Profª. Ivonildes da Silva Fonseca | *Vice-Reitora*



Editora da Universidade Estadual da Paraíba

Cidoval Morais de Sousa (UEPB) | *Diretor*

Conselho Editorial

Alessandra Ximenes da Silva (UEPB)

Alberto Soares de Melo (UEPB)

Antonio Roberto Faustino da Costa (UEPB)

José Etham de Lucena Barbosa (UEPB)

José Luciano Albino Barbosa (UEPB)

José Tavares de Sousa (UEPB)

Melânia Nóbrega Pereira de Farias (UEPB)

Patrícia Cristina de Aragão (UEPB)

Conselho Científico

Afrânio Silva Jardim (UERJ)

Anne Augusta Alencar Leite (UFPA)

Carlos Henrique Salvino Gadêlha Meneses (UEPB)

Carlos Wagner Dias Ferreira (UFRN)

Celso Fernandes Campilongo (USP/ PUC-SP)

Diego Duquelsky (UBA)

Dimitre Braga Soares de Carvalho (UFRN)

Eduardo Ramalho Rabenhorst (UFPA)

Germano Ramalho (UEPB)

Glauber Salomão Leite (UEPB)

Gonçalo Nicolau Cerqueira Sopas de Mello Bandeira (IPCA/PT)

Gustavo Barbosa Mesquita Batista (UFPA)

Jonas Eduardo Gonzalez Lemos (IFRN)

Jorge Eduardo Douglas Price (UNCOMAHUE/ARG)

Flávio Romero Guimarães (UEPB)

Juliana Magalhães Neuwander (UFRJ)

Maria Creusa de Araújo Borges (UFPA)

Pierre Souto Maior Coutinho Amorim (ASCES)

Raffaele de Giorgi (UNISALENTO/IT)

Rodrigo Costa Ferreira (UEPB)

Rosmar Antoni Rodrigues Cavalcanti de Alencar (UFAL)

Vincenzo Carbone (UNINT/IT)

Vincenzo Milittello (UNIPA/IT)

Expediente EDUEPB

Design Gráfico e Editoração

Erick Ferreira Cabral

Jefferson Ricardo Lima Araujo Nunes

Leonardo Ramos Araujo

Revisão Linguística

Antonio de Brito Freire

Elizete Amaral de Medeiros

Divulgação

Danielle Correia Gomes

Gilberto S. Gomes

Comunicação

Efigênio Moura

Assessoria Técnica

Walter Vasconcelos



Editora indexada no SciELO desde 2012



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Editora filiada a ABEU

EDITORA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

Rua Baraúnas, 351 - Bairro Universitário - Campina Grande-PB - CEP 58429-500

Fone/Fax: (83) 3315-3381 - <http://eduepb.uepb.edu.br> - email: eduepb@uepb.edu.br

JUVANDI DE SOUZA SANTOS (ORGANIZADOR)

**RESGATANDO A HISTÓRIA
DA PEDRA DE RETUMBA:**

*das lendas e mitos às atividades arqueológicas
contemporâneas*

(Série: Arqueologia e Paleontologia – Volume XIV)



Campina Grande - PB
2022



Estado da Paraíba

João Azevêdo Lins Filho | *Governador*

Ana Lígia Costa Feliciano | *Vice-governadora*

Nonato Bandeira | *Secretário da Comunicação Institucional*

Claudio Benedito Silva Furtado | *Secretário da Educação e da Ciência e Tecnologia*

Damião Ramos Cavalcanti | *Secretário da Cultura*

EPC - Empresa Paraibana de Comunicação

Naná Garcez de Castro Dória | *Diretora Presidente*

William Pereira Costa | *Diretor de Mídia Impressa*

Alexandre Macedo | *Gerente da Editora A União*

Albiege Léa Fernandes | *Diretora de Rádio e TV*



BR 101 - KM 03 - Distrito Industrial - João Pessoa-PB - CEP: 58.082-010

Depósito legal na Câmara Brasileira do Livro - CDL

R432 Resgatando a história da Pedra de Retumba : das lendas e mitos às atividades arqueológicas contemporâneas / organizador, Juvandi de Souza Santos. – Campina Grande: EDUEPB, 2022.

89 p. : il. ; 15 x 21 cm - (Série: Arqueologia e Paleontologia – v. 14) ; 5,8 MB.

ISBN: 978-85-7879-688-4 (Impresso)

ISBN: 978-85-7879-687-7 (E-book)

1. História da Paraíba. 2. Pedra de Retumba - sítio arqueológico. 3. Pedra Lavrada - cidade paraibana. I. Título.

21. ed. CDD 320

Ficha catalográfica elaborada por Fernanda Mirelle de Almeida Silva – CRB-15/483

Copyright © EDUEPB

A reprodução não-autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO, 9

*Pedro H. S. Oliveira – Chefe de Gabinete da PMPL.
Bacharel em Direito pela Universidade Estadual da Paraíba.*

INTRODUÇÃO, 12

CAPÍTULO I

O SIGNIFICADO DO TOPÔNIMO PEDRA LAVRADA E SUA RELAÇÃO COM A PEDRA DE RETUMBA, 14

*Ledeny Priscila de Lima Dias
ledenypriscila@hotmail.com*

CAPÍTULO II

A PEDRA DE RETUMBA E SUAS INTERPRETAÇÕES: MITOS E LENDAS, 35

*Ian Victor S. Cordeiro
iancordeira1@gmail.com*

CAPÍTULO III

A PEDRA DE RETUMBA E O ESTUDO DAS ITACOATIARAS DA PARAÍBA, 52

*Karen Nadja de Souza Morais (UEPB)
karenmorais9@hotmail.com
Lucas Ramon Porto de Assis (UEPB)
lucasramon2009@hotmail.com*

CAPÍTULO IV

**A INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA DO SÍTIO PEDRA DE
RETUMBA, 62**

Juvandi de Sousa Santos

juvandi@terra.com.br

CAPÍTULO V

A PEDRA LAVRADA E O TURISMO, 75

Thomas Bruno Oliveira

thomasbruno84@gmail.com

Dennis Mota Oliveira

dennysmottaoliveira@gmail.com

Dedico à população de Pedra Lavrada.
Impossível a escavação arqueológica do sítio Pedra de Retumba sem
o apoio de todos.

Agradecimento todo especial ao Sr. Jarbas de Melo Azevedo, Prefeito Constitucional do município de Pedra Lavrada (2017-2020), pelo apoio geral para o bom desenvolvimento das atividades arqueológicas.

Nosso muito obrigado.

APRESENTAÇÃO

AO MEIO-DIA, TODAS AS SOMBRAS ESVAEM-SE DA TERRA E TUDO AQUILO que se encontrava escondido é revelado sob luz ofuscante do sol. Nessa hora mágica, ouviu-se o grito de que se tinha achado algo, havia se revelado as primeiras gravuras que encontravam semelhança com aquelas produzidas por Francisco Retumba. A excitação tomou conta de todos os que participavam da escavação e o esforço foi renovado pelo espírito da descoberta. Três metros sob o solo, estava lá: a Pedra de Retumba, a Pedra Lavrada.

Este acontecimento singular na história do município de Pedra Lavrada ostenta, orgulhosamente, em seu nome os vestígios pré-históricos abundantes em seu território, e as consequências científicas desse achado para a arqueologia são objeto de estudo do presente livro. Em obras científicas graciosamente construídas, produções de autores protagonistas no processo de descobrimento desse marco, desenrola-se a narração de uma história de redescoberta e desmistificação.

Nessa toada, o primeiro processo de desmistificação que se desenrola no tema é sobre as contradições históricas relacionadas aos relatos referentes à origem do nome do então município de Pedra Lavrada e sua ligação à Pedra de Retumba. O capítulo denominado “O significado do topônimo Pedra Lavrada e sua relação com a Pedra de Retumba”, de autoria da historiadora Ledeny Priscila de Lima Dias, conhecida defensora local do resgate histórico dos nossos sítios arqueológicos, apresenta-nos o resgate dos arquivos históricos que comprovam, verdadeiramente, as origens do topônimo da municipalidade onde se localiza o sítio arqueológico da Pedra de Retumba e as contradições nos dados

oficiais propagandeados pelo poder público municipal.

O segundo capítulo, “A Pedra de Retumba e suas Interpretações: mitos e lendas”, o autor se volta à teorização criada em volta dos possíveis significados que poderiam ser dados às gravuras existentes na Pedra de Retumba, explorando um *eidolon* que assombra o imaginário de todos aqueles que se confrontam com o antigo desconhecido: saber se há e qual o significado apresentado por caracteres gravados há milhões de anos. Desvendar tais mistérios talvez seja o maior objetivo de todos que exploram a história e se deparam com caracteres possivelmente significantes, saber se há e qual a mensagem que desejavam deixar aos futuros habitantes desta terra.

Em “A Pedra de Retumba e o Estudo das Itacoatiaras da Paraíba”, terceiro capítulo desta pequena, porém primorosa obra, tece-se um comparativo entre as redescobertas Itacoatiaras da Pedra de Retumba e as da famosíssima Pedra de Ingá. Com fulcro na teoria do Professor Doutor Juvandi de Souza, exploram-se as similitudes entre as gravuras presentes nos dois sítios, cogitando-se a possibilidade de que ambos os sítios estejam introduzidos na Subtradição Ingá. O construtor de tal teoria, apesar de encontrar-se no nascedouro, possui substanciais evidências e, portanto, merecem maiores olhares e estudos.

Com fecho digno de laureio, o eminente Professor Doutor Juvandi de Souza nos agracia com os relatos do processo de (re)descoberta da Pedra de Retumba, tocando em todos os seus aspectos: da questão metodológica da decapagem à educação patrimonial das pessoas da comunidade, da importância historiográfica à importância local, e, igualmente ao capítulo anterior, a hipótese do pertencimento das Itacoatiaras da Pedra de Retumba à Subtradição Ingá.

O último capítulo trata da importância da (re)descoberta da Pedra de Retumba para as atividades turísticas e, quem sabe, a geração de emprego e renda.

Como natural do município de Pedra Lavrada, abraça a tarefa que me foi oferecida de confeccionar esta apresentação. Esta descoberta nos faz encarar a realidade e o presente como um suspiro efêmero da existência, como um lampejo do tempo do Universo, trazendo ao nosso pensamento a necessidade de que deixemos, como bem relata Hannah Arendt, obras, para que possam ser apreciadas por aqueles que virão

após o curto período de nossa existência.

Talvez, esta obra produza seus reflexos na realidade e faça aqueles que a subscrevem triunfarem sobre a invariável corrosão do tempo. Quanto a seus reflexos atuais, o próprio trabalho de resgate da Pedra de Retumba fez ser restaurado o sentimento de pertencimento do povo que hoje habita essas terras e o fez reconhecer, igualmente, a importância histórica que reveste seu principal símbolo.

Ao Leitor, desejo que possa apreciar estas páginas com o mesmo deleite que apreciei, que as palavras que descrevem esta descoberta sejam gravadas em sua mente.

*Pedro H. S. Oliveira – Chefe de Gabinete da PMPL.
Bacharel em Direito pela Universidade Estadual da Paraíba.*

INTRODUÇÃO

TEMOS DOIS GRANDES MISTÉRIOS DA ARQUEOLOGIA PARAIBANA, OU TÍNHAMOS. Ao menos, um foi desfeito: a redescoberta da Pedra de Retumba. O outro mistério é o famoso sítio nas proximidades do rio Araçoa-gipe, na Serra da Ocupaoba (hoje Serra da Raiz), descrito na literatura brasileira (no livro de Ambrósio Fernandes Brandão “Diálogos das grandezas do Brasil”) como o primeiro sítio arqueológico a ser descrito no Brasil. Mas, trata-se de uma outra história, uma nova redescoberta.

A Pedra de Retumba tornou-se um grande enigma para a arqueologia brasileira e, em especial, paraibana. Um sítio que existia, mas que sumiu aos olhos do povo, o que motivou a população, especialmente do município de Pedra Lavrada, a imaginar mil coisas sobre o sítio que nunca existiu para muitos, para outros, teria sido destruído. Isso acabou motivando algumas pessoas daquela localidade a buscarem nosso apoio institucional na ajuda em resgatar, ou não, este potencioso sítio arqueológico de arte rupestre. Assim, em conjunto com a população local, realizamos um sonho, mesmo que, às vezes, acreditando que o pomposo sítio nunca teria existido.

Durante três campanhas, no início do ano de 2020, realizamos o que para a arqueologia paraibana foi o seu maior feito até o presente: uma grande escavação-salvamento arqueológica no município de Pedra Lavrada, na localidade do Cantagalo, local em que parte da população acreditava existir o famigerado sítio. Não deu outra, encontramos o belo painel rupestre com centenas de gravuras em baixo relevo, apresentando o que Retumba, no século XIX, e José de Azevedo Dantas, no início do século XX, expuseram. Um momento ímpar para a Paraíba.

Este livro, portanto, é o resultado de tantos momentos, em especial, aquele em que as atividades ocorreram, em que o monumento foi exposto para a contemplação de todos.

Este livro traz em seus cinco capítulos todo o anseio do povo de Pedra Lavrada em evidenciar o sítio, soterrado por décadas. São cinco capítulos que passeiam por atividades desenvolvidas durante a escavação-salvamento, passando por estórias e histórias do povo envolvido pela Pedra de Retumba. São capítulos simples, escritos por pessoas simples, como eu e você, mas registram anos e anos de buscas, ora acertadas, ora não. São capítulos que mudam a história da Paraíba, pois trazem, à tona, algo, até então, perdido.

Esta obra tem como objetivo principal resgatar a história de um povo, do povo de Pedra Lavrada. Desenterrada há mais de três metros, coberta pela areia do tempo.

Parabéns a todos.
Boa leitura.

CAPÍTULO I

O SIGNIFICADO DO TOPÔNIMO PEDRA LAVRADA E SUA RELAÇÃO COM A PEDRA DE RETUMBA

*Ledeny Priscila de Lima Dias
ledenypriscila@hotmail.com*

INTRODUÇÃO

Entender, questionar e reconstruir a história não é uma tarefa fácil, porém tudo se torna mais apaixonante quando nos sentimos agentes transformadores de nossa própria história e a utilizamos para entender um pouco de nós mesmos e do lugar ao qual pertencemos. Foi pensando nas minhas raízes e na cidade onde vivo que resolvi aprofundar as pesquisas para compreender melhor a Pedra de Retumba e a sua relação com o topônimo do nosso município.

A peculiaridade do nosso topônimo faz com que nosso município seja um dos poucos existentes no país que possui em seu nome uma relação direta com um sítio arqueológico, o que instigou, também, Padre João Jorge Rietveld, que foi pároco em nossa cidade por alguns anos, a escrever um livro “História da Paróquia de Nossa Senhora da Luz de Pedra Lavrada: a devoção de José Bezerra da Costa”, colocando esse fator como uma das principais motivações na escrita de sua obra:

Existem vários motivos que nos levaram a escrever este livro. Em primeiro lugar foi simplesmente

a curiosidade. Pedra Lavrada guarda no seu nome, como único município na Paraíba, uma referência a um sítio arqueológico e os antigos habitantes (RIETVELD, 2010, p. 9).

A temática, em debate, primeiro parte de uma inquietação anterior aos bancos da Universidade, já que sou lavradense e cresci na cidade ouvindo as mais diversas histórias sobre as significações desses sítios arqueológicos. Decidi buscar respostas científicas para essas interrogações, como também dar ao município a possibilidade de conhecer uma história que não seja apenas ligada ao imaginário, mas que tenha um cunho científico para embasar a construção e o entendimento de sua história.

Enfim, a escolha desse tema busca preencher lacunas historiográficas acerca da Pré-História no município de Pedra Lavrada, já que os poucos documentos que se têm sobre a temática são soltos e pouco conhecidos pela população. Desse modo, tentaremos levar à população um pouco da rica Pré-História desse município. “Cada geração tem sua concepção e sua postura perante a vida e perante o nosso universo. O que legará nossa geração aos nossos descendentes?” (SANTOS, 2006, p. 7).

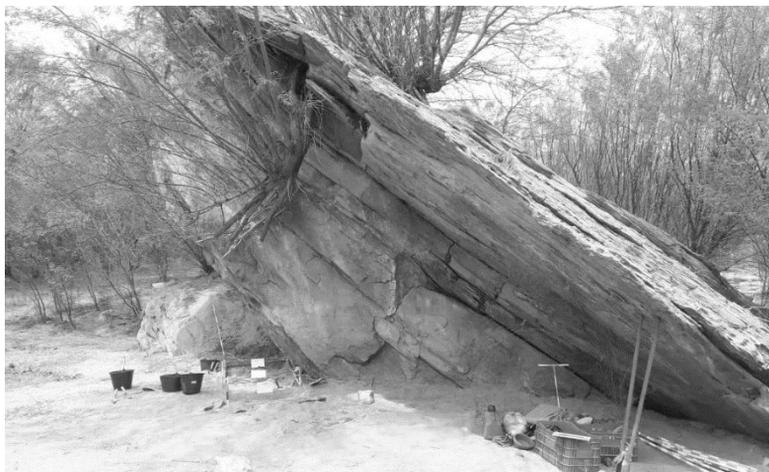
Inicialmente, é viável compreendermos que topônimo é o nome geográfico próprio de um lugar, seja ele cidade, vila, povoação, região, rio, logradouro público, etc. E que todo nome escolhido para qualquer um desses lugares tem uma relação direta com sua própria história. Assim, pretendemos pensar o porquê vivemos no lugar chamado Pedra Lavrada? Como e por que se deu essa escolha? O que este nome representa para compreensão da nossa própria história? Este lugar onde hoje vivemos já possuiu outra nomenclatura? Esses e outros tantos questionamentos tentaremos discutir no decorrer deste capítulo.

Segundo consta no site oficial do nosso município, o nome Pedra Lavrada foi escolhido pela existência de pedras com gravuras e pinturas de arte rupestre, uma determinação bastante vaga, haja vista que dentro do território que compreende nosso município existem vários sítios arqueológicos catalogados, não específica, com clareza, a que sítio arqueológico o nome em questão se refere. No entanto, é de notório

saber da comunidade local que o sítio arqueológico que deu origem ao topônimo de nosso município está localizado dentro do complexo arqueológico do Cantagalo e é conhecido pela população como “a Pedra Lavrada”, porém, no meio arqueológico e acadêmico, faz-se referência à Pedra de Retumba, sobre a qual mais adiante explicaremos o porquê desta nomenclatura.

A Pedra de Retumba (Figura 1) está situada a aproximadamente 700 metros do perímetro urbano e faz parte do complexo arqueológico do sítio Cantagalo, que também possui vários outros monumentos. O monumento se insere dentro de uma área denominada sítio arqueológico, a qual o historiador Vanderlei de Brito define como: “Determinada área onde se encontram vestígios da cultura material dos povos do passado. Estes vestígios podem estar sobre a superfície do solo ou enterrados” (BRITO, 2006, p. 15).

Figura 1 – Sítio arqueológico Pedra de Retumba, Pedra Lavrada, Paraíba, Brasil



Fonte: Juvandi de Souza Santos.

Trata-se de um patrimônio cultural caracterizado como bem tangível, já que ainda pode ser apreciado pela comunidade. É uma construção

realizada a partir da junção do meio ambiente (pedra) e do saber fazer humano (arte rupestre), caracterizando-se, assim, como um artefato da produção humanística, sendo o monumento arqueológico patrimônio da humanidade.

Deve-se reconhecer, em primeiro lugar, que como patrimônios da humanidade, os sítios de pintura e gravuras rupestres são monumento de valor incontestável e que, enquanto obras de natureza singular, resultantes da atividade humana e, portanto, da experiência, do cotidiano, da sensibilidade e das crenças dos homens (SANTOS, 2006, p. 89).

Apesar de o sítio arqueológico ser bastante conhecido pelos moradores da cidade, poucos são os lavradenses que conhecem o monumento pela sua denominação oficial, assim para a maioria da população lá se encontra “a Pedra Lavrada” e não a Pedra de Retumba. O fato da Pedra de Retumba não ser conhecida por sua denominação oficial está intimamente ligado ao desconhecimento da população lavradense sobre sua história.

A Pedra de Retumba já foi referenciada em documentos e livros por diversos estudiosos e leigos, como por exemplo: o naturalista Louis Jacques Brunet, o pesquisador José de Azevedo Dantas, o arqueólogo e historiador Juvandi de Souza Santos, a renomada arqueóloga Gabriela Martin, e o engenheiro de minas Francisco Soares da Silva Retumba, este, por ter sido o primeiro a realizar uma cópia das inscrições contidas no monumento, recebeu a homenagem de ter o seu nome associado ao mesmo e, sem dúvida, talvez o principal deles, o autodidata José de Azevedo Dantas, dentre outros.

Antes de compreender a relação deste monumento com o topônimo de nossa cidade, é importante desmistificar um mito criado a respeito de um dia nosso lugar ter possuído outra nomenclatura que não fosse Pedra Lavrada. Localizado na microrregião do Seridó Oriental, nosso município foi emancipado, há 61 anos, porém possui uma rica história cultural que antecede a jovialidade de sua emancipação.

Poucos são os dados históricos registrados sobre o nosso município.

No site oficial da prefeitura, constou, durante muitos anos, a seguinte afirmação: “O Nosso Município tem suas origens no povoado de Itacoatiara, a partir da fazenda pertencente à família Gomes Barreto, porém, segundo o próprio nome atesta, temos raízes ainda mais distantes” (PREFEITURA DE PEDRA LAVRADA, 2020). Essa informação perdurou durante muitos anos nas redes oficiais do município, sendo retirado o termo Itacoatiara na gestão do prefeito Roberto José de Vasconcelos Cordeiro (2013-2016), após muitos questionamentos levantados sobre a fragilidade dessa afirmação, em especial pelos professores que compõem a rede municipal de ensino da cidade.

Sabemos que retirar o termo Itacoatiara dos perfis sociais foi uma decisão certa, já que não dispúnhamos de comprovação científica para tal afirmação. Todavia, sua retirada não apaga a “história” que foi alimentada durante algumas décadas. É importante compreendermos qual objetivo buscava-se alcançar ao levantar essa hipótese? Por que ela foi difundida tão amplamente a ponto de ser disseminada nas escolas municipais como uma verdade absoluta? É necessário compreender como ocorreu esse processo para que possamos encontrar respostas para as perguntas acima elencadas.

Ao que tudo indica essa afirmação foi postada no site oficial da prefeitura a partir de um texto escrito por um antigo educador da cidade já falecido, o Senhor Ademário de Souza, que fez um pequeno resumo histórico da fundação da cidade, muito provavelmente, querendo associar o topônimo da nossa cidade à palavra Itacoatiara:

Presume-se que em 1750, de uma fazenda pertencente à família Gomes Barreto, originou-se a povoação de Itacoatiara, que depois passou a ter o nome atual, em virtude da existência de Pedras Lavradas distantes cerca de 1km de onde está erguida à cidade, existindo também, no local, um grande bloco de granito onde se encontram inscrições variadas, alvo de estudos de diversos historiadores (SOUZA, 2011, p. 1).

O que percebemos é que houve a “construção” de uma história que não tem nenhum tipo de comprovação científica e que foi narrada

inclusive de forma afirmativa, sem oferecer outras oportunidades de versões. Em um artigo publicado pelo geógrafo lavradense Santiago Vasconcelos também chamada à atenção para esse ato de irresponsabilidade dos órgãos públicos do município ao disseminarem a ideia de que um dia tivemos o topônimo de Itacoatiara:

Defendo mais uma vez minha hipótese: a denominação Itacoatiara é fruto de invenções sem respaldo na história, pois não conheço referência confiável de que “o nosso Município tem suas origens no povoado de Itacoatiara, [...]”, conforme consta no site da própria Prefeitura Municipal de Pedra Lavrada – PB (VASCONCELOS, 2008, p. 1, grifos no original).

Para se ter noção de quanto isso está enraizado na nossa cultura, houve um período na gestão do prefeito Sebastião de Vasconcelos Porto (1997-2000 / 2000-2004) que, em busca da valorização do potencial turístico de nossa cidade, algumas medidas foram adotadas e contribuíram significativamente na disseminação dessa teoria. Uma das ações mais importantes foi a elaboração da Lei municipal N.º 001/2003 que instituiu a criação do Complexo Arqueológico do Cantagalo, estando entre os monumentos a Pedra de Retumba, popularmente conhecida como “a Pedra Lavrada” (Quadro 1).

Quadro 1 - Sítios arqueológicos pertencentes ao complexo arqueológico do Cantagalo

Nº	NOME DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO	LOCALIZAÇÃO
01	Canta Galo I	Sítio Cantagalo
02	Canta Galo II	Sítio Cantagalo
03	Canta Galo III	Sítio Cantagalo
04	Canta Galo IV	Sítio Cantagalo
05	Pedra de Retumba	Sítio Cantagalo
06	Poço do Gado Bravo	Sítio Cantagalo

Fonte: Santos (2019).

Na tentativa de proteger esse local a partir da criação da Lei, também foi iniciada uma busca incessante para o desenvolvimento turístico da localidade, estando entre as primeiras medidas a limpeza nas proximidades dos monumentos e seus isolamentos, através de estacas e cordas na tentativa de impedir que o observador ficasse instigado a praticar algum ato de vandalismo, facilitando, também, o acesso ao local que agora ficava minimamente preparado para receber os visitantes.

Na mesma época, houve a criação de um grupo de ecoturismo na cidade, composto por jovens do próprio município que recebiam os turistas e os acompanhavam não só na visita ao Complexo Arqueológico do Cantagalo, como também em demais localidades do município consideradas potencialmente atrativas. Esse grupo foi criado e nomeado de Retumba, fazendo alusão ao engenheiro de minas que fez a cópia das inscrições contidas na pedra que deu origem ao nome do município.

Outra medida deste período foi a criação de uma companhia folclórica que recebeu o nome de Itacoatiara e que durante 18 anos de atividades se apresentou em várias cidades do Estado, contribuindo para a valorização cultural do município. Também ocorreu nessa gestão a parceria com o Programa de Conscientização Arqueológica (PROCA), que realizou tanto um trabalho de catalogação dos sítios arqueológicos existentes no município, como também a catalogação do material arqueológico e paleontológico encontrado em nossa localidade, deixando para o município um relatório minucioso de suas ações.

Nesse período, também pudemos acompanhar a disseminação da importância arqueológica do município no cenário estadual, sendo encontradas facilmente matérias em jornais e outros meios de comunicação da época sobre a divulgação de nosso potencial histórico e arqueológico:

Segundo o relatório em alguns “monumentos” são encontradas as três tradições da arte rupestre nordestina (Agreste, Nordeste e Itacoatiara), como é o caso do Sítio Canta Galo I, situado a 800m da zona urbana da cidade. O fato de existirem três tradições tão distintas em um único sítio significa que existiram povoados

pré-históricos no local com uma diferença histórica de até 10 mil anos entre eles. Este fato é de ocorrência raríssima em todo o mundo, segundo o relatório. Segundo o ex-assessor de imprensa da prefeitura, Janildo Silva, já foram feitos contatos com o Museu do Homem Americano, que em carta prometeu visitar a cidade em breve (JORNAL O NORTE, 2006, p. 13, grifo no original).

As medidas ocorridas entre 1997 e 2004, como a criação da lei municipal instituindo o Complexo Arqueológico do Cantagalo, criação do grupo de ecoturismo Retumba, criação da Companhia Folclórica Itacoatiara, construção de relatório produzido pelo PROCA, divulgação do potencial turístico nos meios de comunicação foram importantes para a valorização do nosso patrimônio, fizeram nossa cidade aparecer no cenário estadual e de fato provocaram a movimentação que era esperada na cidade. O único equívoco nisso tudo é que em nome dessa valorização do turismo surgiu, pela primeira vez, em documentos oficiais a afirmação que um dia nosso lugar foi chamado de Itacoatiara, afinal, nada mais atraente do que associar o nome do município ao nome do tipo de tradição rupestre existente na Pedra de Retumba que deu nome à cidade.

DESENVOLVIMENTO

A DESCONSTRUÇÃO DO TOPÔNIMO PEDRA LAVRADA

O primeiro registro oficial encontrado, até o momento, é de um livro do SEBRAE-PB (Figura 2), datado de 1997 e que faz um diagnóstico socioeconômico do município, cujo capítulo referente aos aspectos históricos traz um texto base que circulou nas redes sociais do município durante anos. O livro não apresenta nenhuma menção da autoria do texto, assim como nenhuma referência bibliográfica a respeito de tais informações com identificações inequívocas.

Figura 2 – Capa do livro do SEBRAE



Fonte: Pedra Lavrada (1997).

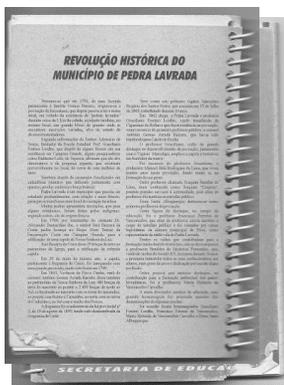
Não sabemos se o texto foi produzido especificamente para ser publicado nesse livro ou se ele já existia e foi acrescentado ao livro. O fato é que, em documentos oficiais, essa é a primeira vez em que o texto aparece e, a partir dele (do texto), disseminou-se de forma acelerada, especialmente entre os moradores da cidade.

Esse, porém, foi apenas o primeiro documento oficial em que essa história apareceu. No entanto, o mais grave deles foi a propagação do mito de, um dia, nossa cidade ter sido denominada de Itacoatiara, quando o governo municipal, no ano de 1999, distribuiu para todos os alunos da rede municipal de ensino, tanto na zona urbana como na zona rural, cadernos que continham na sua contracapa a réplica dessa história, não bastassem os cadernos, também foram produzidas revistas que ficaram à disposição da comunidade em todos os prédios públicos e foram distribuídas de forma aleatória a algumas pessoas da cidade.

A distribuição de cadernos e revistas (Figuras 3 e 4) pelo governo municipal marcou o início de uma história oficial. Antes, a cidade que não possuía nenhuma obra sobre sua evolução histórica e política, agora, disseminava entre os alunos e a comunidade geral a afirmação de que fomos anteriormente denominados Itacoatiara. A partir de então, o discurso oficial divulgado pelo governo municipal tornou-se verdade absoluta, nem um questionamento na época foi levantado e esse mito

da povoação de Itacoatiara foi sendo construído dentro das salas de aulas e na comunidade local. A célebre frase se fez presente: “uma mentira repetida mil vezes torna-se verdade”, resta-nos saber quanto tempo demoraremos para desconstruir esse mito?

Figura 3 - Capa dos cadernos distribuídos na rede municipal de ensino de Pedra Lavrada



Fonte: Ledeny Priscila de Lima Dias.

Figura 4 – Contracapa dos cadernos distribuídos na rede municipal de ensino de Pedra Lavrada



Fonte: Ledeny Priscila de Lima Dias.

Negamos veementemente que, um dia, nosso lugar tivesse sido chamado de Itacoatiara, porque não encontramos em nossas pesquisas nenhum indício de que essa história possa ter um fundo de verdade. Diante disso, faremos um paralelo a seguir de alguns documentos que foram pesquisados e que já provam a fragilidade da afirmação que foi divulgada amplamente pelos governos municipais de 1997 até 2012, como versão oficial de nossa história.

O que os documentos nos mostram é exatamente o contrário, desde a existência da fazenda pertencente à família Gomes Barreto, e até mesmo antes dela, a localidade já tinha a nomeação de Pedra Lavrada, inclusive documentos antigos de sesmarias de outras localidades que fazem divisa com o atual território do município, já citavam a existência da localidade conhecida com o topônimo de Pedra Lavrada, como é o caso de uma doação de sesmarias feita aos Sargentos-Mor José Moreira Ramos e Matheus Bezerra Cavalcante, durante o governo de Jeronymo José de Melo e Castro, datado de 20 de agosto de 1776:

O sargento-mor José Moreira Ramos e Matheus Bezerra Cavalcante, tendo descoberto no sertão do Seridó desta capitania terras devolutas, em que se pode povoar um sítio de criar gado, a que posarão o nome de Lagamar, ficando este fazendo extremas com o sítio Pedra d'água, ao sul delle da parte do norte o sitio Cubaty, ao sul sitio corenixara e do leste com os providos da Serra das flexas, Pedra Lavrada e Serra Branca tudo da banda de dentro da chamada serra do Cotovelo, que vai do logar da Porteira buscando o sul sul-sudoeste; e para poderem fazer a dita necessitão de título para que fiquem com verdadeiro domínio, pretendem toda terra que se achar dentro dos ditos providos dos sítios mencionados com três legoas de comprimento e uma de largura ou três de largura e uma de comprimento, ou légua e meia em quadro ou aquela que se achar na dita compreensão. Fez-se a concessão, no governo de Jeronymo José de Melo e Castro (TAVARES, 1982, p. 628).

Nesse documento de doação de sesmaria é perceptível que, quando é citado o nome Pedra Lavrada para a doação do sítio que se chama Lagamar, ele está se referindo, sim, ao território que hoje conhecemos como Pedra Lavrada; provas irrefutáveis disso são que algumas das localidades citadas ainda existem e algumas delas pertencem ao atual município, ou então, fazem divisa com o território. No caso, o Lagamar hoje é um sítio pertencente ao município de Nova Palmeira e faz divisa com o nosso município, a exemplo dos sítios citados como divisa ao leste, Serra das Flechas e Serra Branca, ambos fazem parte do atual território do município de Pedra Lavrada.

Analisando documentos históricos, ainda podemos encontrar, na secretaria paroquial da cidade, um livro de tombo datado do ano de 1910, da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Luz, no qual, em seu termo de abertura, podemos perceber que a igreja ainda não era uma paróquia, mas uma freguesia, já denominada Pedra Lavrada:

Servirá este livro para o tombo desta freguesia de Nossa Senhora da Luz de Pedra Lavrada: vai por mim enumerado e rubricado com a rubrica do meu uso. Pedra Lavrada, 13 de dezembro de 1910. Monsenhor José Thomaz Gomes Silva. Visitador Diocesano (LIVRO DE TOMBO, 1910, p. 1).

Em um passado recente, mais precisamente em 1959, ano da emancipação política de Pedra Lavrada, ou seja, quando o território deixou de pertencer a Picuí e, de fato, tornou-se uma cidade. Observamos a ata da primeira sessão ordinária da Câmara de Vereadores, na qual, em nenhum momento, existe citação de outro nome que o município possa ter possuído. Do início ao fim da sessão, todas as vezes em que o município foi referenciado, só apareceu como Pedra Lavrada: “Eu, Egídio Gomes Barreto, segundo secretário, escrevi a presente ata que vai por todos assinadas. Pedra Lavrada 10 de dezembro de 1959” (ATA. 1ª sessão, 1959). Nada existiu, porque, de fato, desde sempre fomos Pedra Lavrada.

O que os documentos mostram é que a cidade de Pedra Lavrada desde seu surgimento carregou essa nomenclatura, comprovada pelas

doações das sesmarias. O livro de tomo da igreja matriz da cidade, a ata da primeira sessão da Câmara de Vereadores e tantos outros documentos oficiais que puderam ser analisados. Desta forma, concluímos que o topônimo Itacoatiara nunca foi usado para nomear a cidade atual e, provavelmente, a intenção de quem disseminou essa ideia foi fazer a associação da palavra Itacoatiara de origem tupi com seu significado em português que nada mais é que Pedra Lavrada, buscando fazer a ligação das inscrições rupestres de tradição Itacoatiara que são encontradas na Pedra de Retumba e que é a responsável pelo topônimo da cidade.

Compreendendo que nunca possuímos a nomenclatura de Itacoatiara, passaremos agora a entender o real sentido de nosso município ser chamado de Pedra Lavrada e qual a relação que este nome tem com o monumento arqueológico Pedra de Retumba existente em nossa localidade.

Temos uma grande quantidade de sítios arqueológicos em nosso território, talvez o mais importante deles esteja bem próximo ao perímetro urbano, localizado no Complexo Arqueológico do Cantagalo, a aproximadamente 700m da cidade, trata-se do monumento conhecido no meio arqueológico como “Pedra de Retumba”. Consideramos como sendo o mais importante dentre os demais monumentos, porque provavelmente foi esse o responsável pela nomeação atual do município.

A presença de sítios arqueológicos na região, em especial de uma pedra lavrada (escrita) por um povo esquecido no tempo, que marcou sua passagem por aqui com pinturas rupestres, foi um fato de importância singular na escolha do nome da cidade (PREFEITURA DE PEDRA LAVRADA, 2020, p. 1).

Esse fragmento do texto apesar de estar no site oficial da prefeitura de Pedra Lavrada é de autoria desconhecida. Não se sabe quem é o responsável por tal afirmação, porém apresenta-se como o discurso oficial da instituição responsável pela gestão do município, logo, devemos acatar, no mínimo, que esta é uma ideia compartilhada por aqueles que a governam. Prestando atenção na citação acima, não temos nenhuma referência ao monumento Pedra de Retumba. O texto da Prefeitura

apenas mostra que a dita Pedra Lavrada é especial.

Então, como afirmar que foi a Pedra de Retumba a responsável pela nomeação do município? A resposta é simples, para a maioria da população lavradense, há um desconhecimento do que seja a Pedra de Retumba, apenas a identifica como a “Pedra Lavrada”. Qualquer pessoa que chega à cidade e pergunta onde se encontra a “Pedra Lavrada” será informada da mesma localidade da Pedra de Retumba, porque essa nomeação só é conhecida no meio arqueológico. Para a população, o que existe é a “Pedra Lavrada”, que tem inscrições rupestres e foi responsável pela nomeação do município. Assim, a Pedra de Retumba ou a “Pedra Lavrada” são o mesmo monumento.

Apesar de a população saber identificar, com clareza, a localização da Pedra de Retumba, poucos sabiam que a parte mais importante dela estava soterrada até fevereiro de 2020, o que era possível ver antes disso eram inscrições caracterizadas segundo as tradições Agreste e Nordeste que se estendiam por todos os monumentos existentes no Complexo Arqueológico do Cantagalo, que de modo mais popular identificamos como inscrições realizadas a partir de corantes naturais aplicados sobre o suporte rochoso. Não era visível, até pouco tempo, em nenhum monumento do Complexo Arqueológico do Cantagalo, quantidade expressiva de inscrição “lavrada”, ou seja, não era possível visualizar nos monumentos registros de baixo relevo, considerados pertencentes à chamada tradição Itacoatiara.

Sobre a significação da palavra Itacoatiara, Santos nos dá a seguinte explicação: “ita = pedra + kwatia = riscada, resultando o seguinte termo: pedra com inscrições” (SANTOS, 2007, p. 7). Já Martin chama a atenção para compreendermos que esse termo é usado apenas para as técnicas que são gravadas na pedra:

No Nordeste, estão agrupados numa única tradição chamada Itaquatiara. Seria, porém mais apropriado estabelecer tradições de Itaquatiaras, atendendo-se a enormes variedades de grafismos que apresentam e as técnicas empregadas no gravado da pedra (MARTIN, 2005, p. 291).

Desse modo, não haveria como dizer que o nome do município é resultado das inscrições rupestres, se no lugar apontado não existia nenhum tipo de inscrição como essa, porém isso se tornou comprovável com o trabalho da equipe do LABAP-UEPB coordenado pelo professor Dr. Juvandi de Souza Santos, que em trabalho de salvamento arqueológico conseguiu encontrar a localização exata do monumento, trazendo-o à tona, deixando importante contribuição histórica para o município e confirmando, assim, a teoria de que foi este monumento que deu origem a nomeação do município (Figura 5).

Figura 5 – Foto da Pedra de Retumba após terceira campanha de salvamento arqueológico no ano de 2020

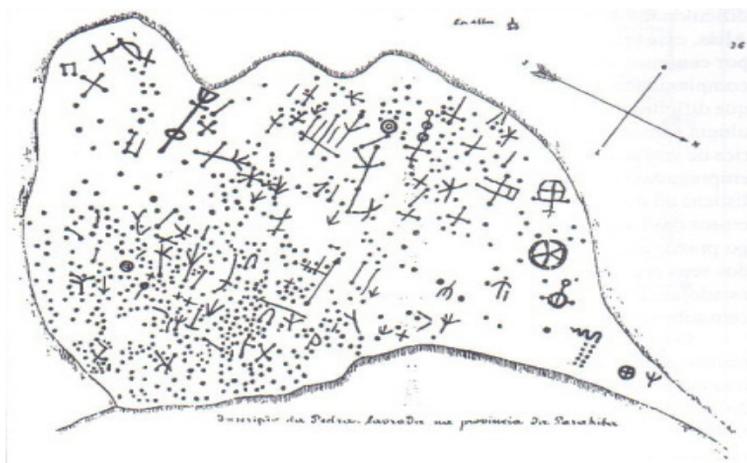


Fonte: Ledeny Priscila de Lima Dias.

Para os lavradenses, é a “Pedra Lavrada” e, para a comunidade acadêmica e arqueológica, a “Pedra de Retumba”. O monumento recebeu esse nome em homenagem ao engenheiro de minas Francisco Soares da Silva Retumba que foi o primeiro a enviar, no ano de 1886, um relatório ao então presidente da Província da Paraíba mencionando as inscrições gravadas em uma rocha na povoação de Pedra Lavrada. Junto ao relatório, o engenheiro também anexou uma cópia dos desenhos contidos na pedra sob escala 1/20 (Figura 6). Esse desenho tornou-se famoso e correu o mundo, por isso, a devida homenagem ao primeiro homem a perceber a importância de tais inscrições para o estudo da história de

nosso município.

Figura 6 – Croqui da cópia feita por Francisco Retumba das inscrições em Pedra Lavrada



Fonte: J. A. Fonseca (2020).

Em seu relatório, Retumba retrata sua chegada à Pedra Lavrada e relata como conheceu o monumento que deu origem ao nome da nossa povoação, não sabendo ele que, anos depois de fazer a cópia das inscrições contidas nesse monumento, levaria seu nome em homenagem à valorosa contribuição à nossa história e à arqueologia paraibana.

Ao chegar em Pedra Lavrada tive o insigne prazer de travar relações com o ilustrado professor Lordão, na casa de quem hospedei-me. O primeiro cuidado do digno professor foi mostrar-me uma grande pedra contendo um letreiro de proporções vastas: motivo esse pelo qual a chama o povo Pedra Lavrada. D’ahi o nome do povoado (RETUMBA, 1910, p. 173).

A citação de Retumba mostra claramente a relação direta que o monumento tem com a origem do nome de nossa cidade, quem aqui

viveu já compreendia e valorizava a importância desse monumento para nossa história, afinal, ele é parte do patrimônio histórico e cultural do município e marca a passagem dos primeiros povos em nossa região. Quem também fez um paralelo sobre a origem do nome de nossa cidade foi Paulo Sérgio Guimarães de Aguiar Campos, autor do Hino Municipal, o qual relata sobre as nossas origens e, em especial, as inscrições rupestres da Pedra de Retumba, de forma poética ele remete ao início da história do município, às civilizações que por aqui passaram e se eternizaram nesse recanto: “Da inteligência e da bravura de um povo,/ desbravando um mundo novo, surgiu Pedra Lavrada./ Pedra por força da natureza,/ Lavrada pela grandeza,/ de uma civilização antepassada/ [...]”. (PEDRA LAVRADA, 2020, p. 2).

Após o salvamento realizado nesse importante monumento arqueológico, hoje, é possível afirmar que a origem do topônimo de nossa cidade se relaciona diretamente com ele. As “pedras lavradas” inseridas dentro da tradição rupestre chamada de Itacoatiara são encontradas facilmente em sítios arqueológicos espalhados por toda a Paraíba e Brasil, inclusive, muitas com renome internacional como no caso das Itacoatiaras do Ingá. No entanto, nenhuma delas foi importante o suficiente para fazer com que o topônimo do seu município fosse uma referência direta a um sítio arqueológico, exceto em nosso caso.

Segundo dados do IBGE (BRASIL, 2018), hoje o Brasil possui 5.570 municípios, sendo apenas o nosso a chamar-se Pedra Lavrada, o que é motivo de orgulho para nossa história, no entanto, é importante que compreendamos a dimensão de nossa riqueza que começa pelo nome e se estende pelo rico patrimônio arqueológico que possuímos. Precisamos, urgentemente, de políticas públicas que favoreçam a educação patrimonial em nosso município, para que a comunidade possa compreender a importância de preservar esses locais e valorizar nosso passado e nossa história. Talvez, se estivesse sendo colocado em prática o que garante a Lei Orgânica Municipal, a preservação de nossa história e patrimônio estaria sendo preservada:

Os currículos escolares serão adequados às peculiaridades do Município e valorizarão sua cultura e seu patrimônio histórico, artístico, cultural e ambiental

[...] O Município, no exercício de sua competência: Protegerá, por todos os meios ao seu alcance, obras, objetos, documentos e imóveis de valor histórico, artístico, cultural e paisagístico (PEDRA LAVRADA - LEI ORGÂNICA MUNICIPAL, 1959, p. 45).

Esperamos que o salvamento arqueológico do monumento que dá nome ao nosso município não seja visto apenas como um grande marco da arqueologia paraibana, mas que seja o momento para órgãos públicos e a sociedade lavradense repensarem suas ações e práticas a respeito da valorização e preservação deste tão importante monumento arqueológico, que possamos entender sua grandeza para a compreensão da nossa história e sejamos exemplos para as gerações futuras, como resguardar nosso patrimônio.

Um dia, nós escrevemos sobre a existência da Pedra de Retumba e de como era necessário fazer esse salvamento arqueológico, hoje, participando efetivamente desse salvamento, escrevemos sobre a sua relação direta com o topônimo de nossa cidade e, futuramente, pretendemos ter a oportunidade de escrever como a comunidade resguardou, compreendeu e construiu o sentido da sua própria história. Novos tempos virão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enfim, esperamos que essas páginas tenham desmistificado o mito de um dia nosso município ter sido denominado Itacoatiara, como também, mostrarmos a relação que o nome de nosso lugar tem com o monumento arqueológico Pedra de Retumba. Que possamos, a partir de então, ser mais conscientes enquanto cidadãos do nosso papel de escrevermos a história local, ajudando a preservar o monumento e consequentemente a nossa história. Que os órgãos públicos assumam suas responsabilidades e não deixem as leis apenas sobre os papéis, afinal, a simples existência delas não garante a sua aplicabilidade, é preciso ação de fato.

O refrão do hino municipal traz uma frase que refletiu o desejo que hoje foi alcançado: “SALVE, PEDRA LAVRADA” (PEDRA LAVRADA, 2020a). No entanto, sejamos atentos, pois esse foi apenas o

primeiro passo de um longo caminho a ser percorrido, que seja despertada na comunidade e nos gestores a importância de não deixar nossa história ser soterrada novamente pelo descaso e pela falta de valorização de nossas origens.

REFERÊNCIAS

ATA. **Primeira sessão ordinária da Câmara Municipal de Pedra Lavrada.** Pedra Lavrada: Câmara de Vereadores, 1959.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e estatística (IBGE). **Dados gerais do município de Pedra Lavrada.** Rio de Janeiro: IBGE, 2018.

BRITO, Vanderley de; OLIVEIRA, Thomas Bruno; SANTOS, Juvandi de Souza. **A Serra de Bodopitá:** pesquisas arqueológicas na Paraíba. João Pessoa: JRC, 2006.

FONSECA, J. A. **Brasil antigo.** Disponível em: https://www.google.com/search?q=desenho+da+pedra+de+retumba&client=firefox-b-d&sxsrf=alekko1orqofqb4dye9pht2vuf-tg-jor-q:1585163880704&tbm=isch&source=iu&ictx=1&fir=wrksnludwisopm%253a%252cnlkm-rqp4hIhum%252c_&vet_=1&usg=ai4_-kre1p2risi_v8kxzgxjnr5_fmzIwa&sa=x&ved=2ahukewj9sz-tqq7boahxhhrkghu5bbdsq9qewanoecakqiw#imgrc=wrksnludwisopm&imgdii=ufpx_olom2d9gm. Acesso em: 25 mar. 2020.

JORNAL O NORTE. **Pedra Lavrada possui conjunto de sítios arqueológicos inéditos.** João Pessoa: Editora O Norte, 2006.

LIVRO DE TOMBO. **Paróquia de Nossa Senhora da Luz. Pedra Lavrada.** 1910.

MARTIN, Gabriela. **Pré-história do Nordeste do Brasil.** 5. ed. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2005.

PEDRA LAVRADA. **Lei Orgânica do Município de Pedra Lavrada.**

Câmara de Vereadores, 1959.

PEDRA LAVRADA. **Série:** Diagnósticos Sócio-econômicos. SEBRAE. João Pessoa, 1997.

_____. **Hino e símbolo.** Disponível em: <http://www.pedralavrada.pb.gov.br/portali/municipio/hino_brasao.asp?iIdMun=100125138>. Acesso em: 22 mar. 2020a.

_____. **Histórico.** Disponível em: <http://www.pedralavrada.pb.gov.br/portali/municipio/historia.asp?iIdMun=100125138>>. Acesso em: 22 mar. 2020b.

PREFEITURA DE PEDRA LAVRADA. Disponível em: <http://www.prefeituramunicipaldepedralavrada.com.br>. Acesso em: 29 mar. 2020.

RETUMBA, F. S. S. Relatório do Engenheiro de Minas Francisco Soares da Silva Retumba, dirigido ao Ex. mo Sr. Dr. Antônio Herculano de Souza Bandeira, Presidente da Parahyba. In: TAVARES, João de Lira. **A Parahyba**, Imprensa Oficial. Parahyba, 1910.

RIETVELD, Padre João Jorge. **História da Paróquia de Nossa Senhora da Luz de Pedra Lavrada:** a devoção de José Bezerra da Costa. Campina Grande: Maxgraf, 2010.

SANTOS, Juvandi de Souza (org.). **Pré-História:** uma coletânea de textos didáticos. Campina Grande: JRC, 2006.

_____. **Ocorrências de Itacoatiaras na Paraíba.** João Pessoa: JRC, 2007.

SOUZA, Ademário de. **Perfil do município de Pedra Lavrada-PB.** Disponível em: <http://jonatasarquivos.blogspot.com/2011/03/perfil-historico-de-pedra-lavrada-pb.html>>. Acesso em: 02 ago. 2011.

TAVARES, João Lyra. **Apontamentos para a história territorial da**

Parahyba. Ed. fac-similar. Coleção Mossoroense. v. 145. Mossoró: s.e. 1982.

VASCONCELOS, Santiago. **Pedra Lavrada ou Itacoatiara?** Disponível em: <http://pedralavrada.com/noticia.php?id=321>. Acesso em: 15 fev. 2008.

CAPÍTULO II

A PEDRA DE RETUMBA E SUAS INTERPRETAÇÕES: MITOS E LENDAS

Ian Victor S. Cordeiro
iancordeira@gmail.com

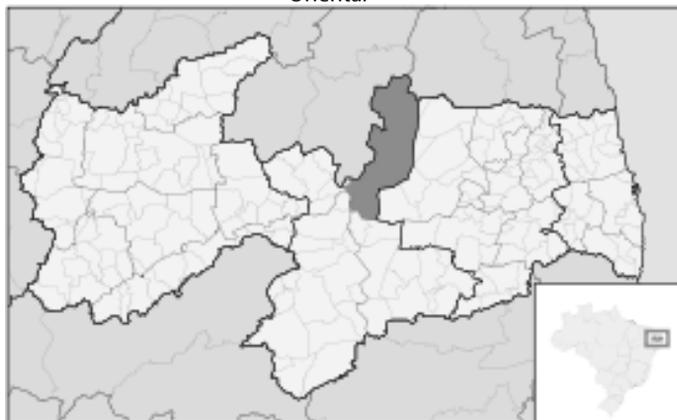
INTRODUÇÃO

A microrregião Seridó Oriental da Paraíba (Figura 1) é uma microrregião da Paraíba que está sendo pesquisada, a fim de investigar e expor a riqueza arqueológico-histórica, turística e cultural. Nessa perspectiva, grupos autônomos de trilheiros¹ locais como a União Caatinga incentivam as novas pesquisas, como também o resgate de histórias, monumentos e patrimônios em geral, que estão a se perder por meios naturais e também por falta de ação e/ou parcerias entre os interesses locais e as entidades responsáveis. O trabalho voluntário desses grupos, que já estão em quase todas as cidades da região em questão, em consonância às disponibilidades e interesses do professor Dr. Juvandi Santos, com o Laboratório de Arqueologia e Paleontologia (LABAP) da UEPB, e o IPHAN Nacional para desenvolver estudos e assegurar à Paraíba suas riquezas históricas para si mesma, para sua população e pesquisadores, estão fazendo que as pequenas cidades desenvolvam o turismo como fonte de renda alternativa. A Pedra de Retumba é o principal patrimônio histórico/arqueológico do município de Pedra Lavrada. Rico

1 Grupo de trilhas e prospecções que segue o intuito de pesquisar e preservar todos os pontos históricos, bem como desenvolver o ecoturismo e pesquisa da história local das cidades, as quais estão presentes atualmente, Pedra Lavrada- PB e Cubati- PB.

na tradição Itacoatiara da arte rupestre, foi ponto de referência para viajantes e para o início, denominação e construção da cidade.

Figura 1 – Mapa da Paraíba com destaque para a microrregião do Seridó Oriental



Fonte: Seridó Oriental da Paraíba (2020).

Ainda assim, o monumento de tal importância encontrava-se soterrado, **há cerca de 50 anos**, e não havia registros fotográficos atuais ou da época que comprovassem sua existência e os escritos que foram feitos antes das cheias que ocasionaram o atterramento do sítio.

São variadas fontes de antes e depois do fato que nos fazem pensar e refletir o quão misteriosos são as interpretações, os significados e o que isso pode atrair para o turismo histórico, turismo ecológico e a valorização da pesquisa para os municípios. **Serão** trabalhados os “porquês” das teorias, suas fontes e contextos históricos para que analisemos com a visão mais atual seus mitos e lendas.

DESENVOLVIMENTO

RELATÓRIO DE FRANCISCO RETUMBA PARA O PRESIDENTE DA PROVÍNCIA DA PARAHYBA

Francisco Soares da Silva Retumba, engenheiro de minas, foi responsável por registrar o “lettreiro” de Pedra Lavrada enquanto percorria o

interior da então Província da Parahyba (1886) focado em avaliar suas potencialidades minerais. Circunspecto, Francisco Retumba estava em uma campanha de pesquisa econômica, que, no entanto, torna-se uma campanha de grande ou talvez maior importância para o sítio arqueológico.

“**É urgente que a província da Parahyba** tenha um mappa topográfico, que seja sério”. (...) “A essa questão da carta topográfica da Parahyba prende-se intimamente uma outra de não somenos importância: quero referir-me à história da província, não à sua história política, já que me consta existir, embora velada aos olhos do público, mas à sua história primitiva, à história de seus primeiros habitantes”. (RETUMBA, 1910, p. 168, grifos nosso).

O engenheiro, de modo pessoal, mostrava certo apreço pela história e, em particular, pela “história primitiva”, no geral entra em contexto o sítio arqueológico em sua visita à Pedra Lavrada:

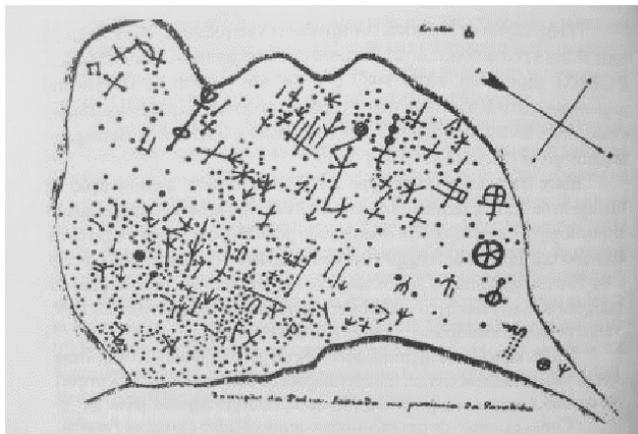
“Ao chegar em Pedra Lavrada tive o insigne prazer de travar relações com o ilustrado professor Lordãoz, em casa de quem me hospedei-me. O primeiro cuidado do digno professor foi mostrar-me uma grande pedra contendo um letreiro de proporções vastas: motivo esse pelo qual a chama o povo Pedra Lavrada. D’ahi o nome do povoado.” [...] “Resolvi copial-a integralmente e a encontrará V Exc. appensa ao presenste officio” (RETUMBA, 1910, p. 173-174, grifos no original).

A atitude de copiá-las de forma integral (as gravuras rupestres) e enviar ao governo da província e a Pernambuco foi e é, atualmente, um ato plausível e de nobreza do pesquisador para a arqueologia nacional e

- 2 Graciliano Fontini Lordão – Professor e Deputado Estadual da província. Lutou pelo avanço da educação na região em que, hoje, seu nome nomeia três instituições de ensino. Homem de forte personalidade e influência.

para a atual cidade de Pedra Lavrada. Na época de sua visita, Retumba explica o motivo de as pessoas do povoado referirem-se às Itacoatiaras na rocha como “pedra lavrada”. A mesma que futuramente seria conhecida, na literatura, como a Pedra de Retumba, justamente por seu importante registro que serviu de mapa para pesquisá-la e encontrá-la em 2020, 134 anos depois (Figura 2).

Figura 2 – Desenho da [Pedra de Retumba] elaborado por Francisco Retumba



Fonte: J. A. Fonseca (2020).

MEMÓRIAS DE LOUIS JACQUES BRUNET

Outro pesquisador que fora contratado por um presidente da Província da Parahyba do Norte para analisar as potencialidades, foi o francês, Louis Jacques Brunet, em 1853. Em suas memórias, Brunet expõe inscrições rupestres nas províncias de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará. Vê-se:

É particularmente na Província da Paraíba que tive ocasião de ver as inscrições melhor gravadas. Citei em primeiro lugar aquela que existe em Cubati e sobretudo em Pedra Lavrada nas margens

dos afluentes do Rio Seridó (BRUNET, 1860, p. 105).

O registro de Brunet aconteceu antes mesmo ao de Retumba, isso torna o primeiro documento que relata o sítio arqueológico. No que relata o francês as inscrições eram supostos sinais misteriosos deixados pelos holandeses para reconhecer locais onde teriam enterrados tesouros e/ou minas de ouro. Homem consciente, Brunet chama de “ridículas crenças” e “charlatões” os que vendiam traduções das artes rupestres. O que defende o naturalista é que são símbolos religiosos ou caracteres fonéticos pelos quais transmitiam os acontecimentos de sua história, pegando exemplo de outras civilizações antigas, tais quais os assírios e egípcios. “A grande inscrição de Pedra Lavrada merecia em particular ser conservada num museu mais conhecido” (BRUNET, 1860, p. 105).

Também mencionada como “a gravura mais bonita que já vi” (BRUNET, 1860, p. 105), a Pedra de Retumba foi por Jacques Brunet uma inesquecível experiência de reflexão sobre cultura, religião, mistérios e história.

NA ROTA DE JOSÉ DE AZEVEDO DANTAS

Ainda antes de ocorrer o aterramento do sítio arqueológico, Dantas percorreu trechos na Paraíba e Rio Grande do Norte, identificando e desenhando os registros rupestres, de forma autônoma. Espontâneo amador das artes rupestres, Dantas saiu em campanhas no lombo de um equino de ponto a ponto no Seridó paraibano e potiguar. Numa dessas campanhas observou:

Pedra Lavrada - Inscrições pictografada na pedra do segundo poço do Gado Bravo, a margem direita do riacho que toma o dito nome (segundo as antigas datas). [...] e ali segundo o professor Lodovico Shwenhagen³ é que se encontram para mais de 200 signaes da escripta demótica⁴ (DANTAS, 1994, p. 29).

José de Azevedo Dantas com suas andanças se encontrou com

3 Linguista austríaco, teórico das artes rupestres brasileiras.

4 Antigo alfabeto egípcio.

Shwennhagen, o qual indicou que na rocha continha sinais da escrita de um antigo “alfabeto” egípcio. Teorias como estas começaram a surgir a partir de então. Para o austríaco, não foram obras de povos primitivos americanos, mas de povos antigos orientais. Essa visão nos tenta imaginar como fora a ocupação desse território, põe em xeque a teoria do Estreito de Bering⁵ e de modo negativo força alegar que os antiquíssimos povos pré-históricos sul-americanos não seriam responsáveis por desenvolver qualquer forma de escrita ou transmissão de mensagens, tampouco registrar fatos do cotidiano. Tal afirmação é possível devido à arqueologia não encontrar outra suposta forma de transmitir a mensagem que não seja os sítios arqueológicos pré-históricos.

ITACOATIARAS NA PARAÍBA

Luiz Galdino, sócio do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (IHGSP), fez um artigo sobre itacoatiras na Paraíba com uma boa indagação:

Como é que o homem do paleolítico, caçador e coletor por excelência, que precisava lutar diariamente pela sobrevivência e que enfrentava os rigores do inverno glacial, protegido por sumárias peles de animais, podia se entregar ao luxo de fazer arte? (GALDINO, 2011, p. 43).

Esse levantamento poderia ser um reforço para as principais teorias acerca da chegada de povos pré-históricos ao continente Americano há pelo menos 2.000 a.C., no entanto não é essa intenção demonstrada no decorrer da leitura. Galdino, após sua visita à Pedra Lavrada, segue suas pesquisas para outras potências em itacoatiras na Paraíba, como sítios arqueológicos em Ingá, Picuí, Campina Grande e Serra Branca. O que de fato Galdino nos faz pensar é uma similaridade entre arte e a existência de um possível padrão.

5 Estreito marítimo que liga a Ásia à América via Rússia – EUA. A teoria de povoamento mais aceita ainda hoje é que fora por meio de peregrinações e a passagem se deu devido uma era gelada, que fez com que o mar descesse 130m o nível, abrindo caminho no Norte.

Estas ocorrências paraibanas – a Pedra de Retumba e a Itacoatiara de Ingá – causaram-nos uma surpresa muito vívida. Afinal, as manifestações naturalistas e esquemáticas podiam ser encontradas em vários locais; e, na Paraíba, ao contrário, nós vimos diante de um signário diverso já pronto e definido, que se circunscrevia praticamente àquele estado (GALDINO, 2011, p. 43).

O que temos é uma observação em que, de uma forma semiautomática, poderia expressar-me, todo pesquisador de itacoatiaras busca ver ligações entre sítios arqueológicos distantes. Com interesse que temos em ser a *pedra de roseta*⁶ contemporânea seria revolucionário encontrarmos lógica a ponto de ser entendida uma escrita homogênea na Paraíba primitiva. Galdino destaca:

As diferenças perceptíveis entre o monumento de Ingá e as inscrições de Picuí, Pedra Lavrada, Serra Branca e Campina Grande, por exemplo, não mostravam as fases de um processo. De fato, umas são mais pobres outras mais ricas, por uma circunstância qualquer; porém os elementos utilizados em todas elas compõem o mesmo signário. Em se procedendo a datações naqueles sítios, teríamos, muito provavelmente, a mesma antiguidade para todos os conjuntos (GALDINO, 2011, p. 43).

Como associa as itacoatiaras destes variados lugares, que são pelo menos 50 km de distância uma das outras, podemos imaginar que aconteceu algum fato bastante singular, para que, de forma compulsória, as tribos fossem para as rochas deixar uma marca, uma mensagem. O autor ainda salienta o território paraibano por esta vasta riqueza

6 A Pedra de Roseta é um bloco de basalto, que foi encontrado no Egito pelas tropas do francês Napoleão Bonaparte. A importância da Pedra de Roseta para o estudo da civilização egípcia é muito grande, pois permitiu a tradução da língua hieroglífica (egípcia).

iconográfica⁷. Ao percorrer entre as teorias levantadas, vemos quão interessantes e trabalhosas foram as prospecções e observações dos teóricos. Poderíamos, posteriormente, anexar visões, ao menos as mais lógicas, e termos em mente uma empatia para com os que nossos ancestrais tinham em objetivo.

PADRE JOÃO JORGE RIETVELD

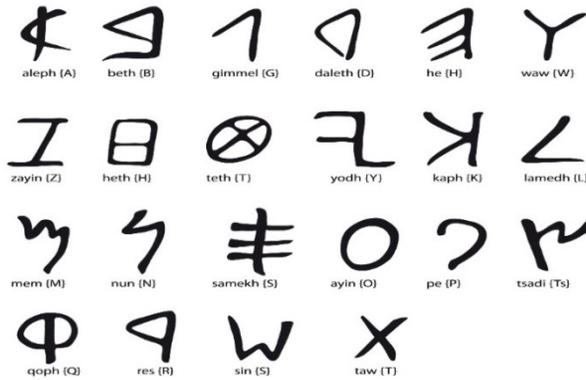
Padre João Jorge Rietveld além de Padre é um historiador autônomo que escreve histórias, lendas e mitos por onde passa. Ao passar por Pedra Lavrada, Rietveld escreve sobre a história da Paróquia de Nossa Senhora da Luz, padroeira do município. No Livro “História da Paróquia de Nossa Senhora da Luz de Pedra Lavrada” (2010), fala desde o bioma caatinga à história da cidade em geral e até sobre a Pedra de Retumba com algumas citações importantes:

Esta (carta) de 1872 enviada ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, relatava existir numa localidade, chamada Pouso Alto, próximo ao Rio Paraíba, uma pedra com inscrições as quais o até então respeitável doutor Ladislau Netto diagnosticou como sendo letras do antigo povo fenício que continha uma mensagem de colonizadores a serviço do rei (BRITO, 2008, p. 41-42).

Netto (1885) ligou as marcas no então letreiro do Gado Bravo com marcas fenícias (Figura 3):

7 Iconografia é uma forma de linguagem visual que usa imagens para representar algum tema.

Figura 3 - Alguns caracteres do alfabeto fenício



Fonte: Civilizações antigas – Fenícia (2020).

Há, de fato, figuras similares entre as itacoatirias da Pedra de Retumba e alguns caracteres do antigo alfabeto oriental. Todavia, fenícios, no Brasil, fazem parte de um debate secular que ainda hoje, mesmo sendo ironizado e marginalizado, tem quem defenda. Luwig Schwennhagen é exemplo de um dos pesquisadores dessa temática. Encontrou-se com José de Azevedo Dantas, conheceu o sítio arqueológico e, posteriormente, trabalhou nessa hipótese:

Em seu trabalho, o professor Schwennhagen apresenta uma tradução do livro do historiador grego Tiodoro da Sicília, o divulgador dos périplos fenícios, afirmando que foram os fenícios os primeiros habitantes do Velho Mundo a descobrirem a América... 1.100 anos antes de Cristo os fenícios partiram de Cartago via Cabo Verde para Dacar e daí atravessaram o Oceano Atlântico e chegaram ao Brasil [...] (SANTOS, 2010, p. 3).

Esse recorte foi tirado de um artigo publicado pelo Diário da Borborema, em 1990, e divulgado no blog (**Construindo a História**) por

José Ozildo dos Santos; professor e historiador, Ozildo Santos tem em sua página na web alguns artigos relacionados à Pré-História, no qual trabalha um pouco a Pedra de Retumba (Figura 4).

Ainda segundo aquele pesquisador, esta expedição foi realizada a mando do Faraó Neco, do Egito e dela tomaram parte alguns engenheiros egípcios. Um dos argumentos apresentados a favor desta 'teoria' é a suposta semelhança entre os símbolos rupestres existentes no interior do Brasil e o alfabeto fenício (SANTOS, 2010, p. 3).

Figura 4 - Zodíaco criado por Bernardo de Azevedo da Silva Ramos, linguista e arqueólogo brasileiro. Na própria imagem, tem-se em observação a teoria defendida pelo pesquisador amazonense

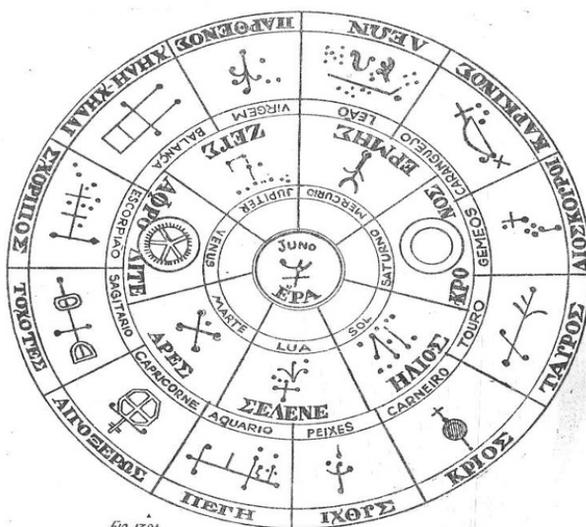


Fig. 1501
RESUMO DE ALGUNS PLANETAS E SIGNOS CONTIDOS NA INSCRIÇÃO DA PEDRA LAVRADA DA PARAHYBA, ORGANISADO EM FORMA DO ZODIACO, CONTENDO AS SETE DIVINDADES GREGAS E AO CENTRO ERA (TERRA OU JUNO, RAINHA DOS DEUSES).

Fonte: Teoria da presença de Fenícios no Brasil (2020).

A teoria que a Pedra de Retumba demonstra como observação astrológica é que também é defendida por significativo número de estudiosos, curiosos e leigos. É a primeira imagem que vem explicitamente à mente, ao observá-la: um céu estrelado, os astros, uma visão da Terra para o infinito espaço. A figura que traz um conjunto de gravuras da Pedra de Retumba para fundamentação da teoria tem surpreendente persuasão, pois todas as gravuras, extraídas do desenho de Retumba, contêm na Figura 4, acima. Apesar disso, seus propósitos de definição são questionáveis. Muito antes do século VIII a.C., já se têm provas que o território brasileiro estava povoado, assim como todos os povos pré-históricos tinham suas divindades, sua hierarquia e suas práticas em observação astronômicas e artes. O estudo apontado ainda falha em não certificar a pedra se é em Jardim do Seridó-RN ou em Pedra Lavrada-PB. Para acrescentar, em 1953, Padre Fancisco Lima, também membro do IHGP, fez uma boa análise da Pedra de Retumba e escreveu:

Chamei no momento um rapazinho do local, mostrei-lhe a palavra Hélios (o eta grego), um A sem traço do centro (o lambda grego), um I (o iota grego), um W (o ômega grego). O sigma não era visível. Conclusões desse trabalho: a inscrição mais notável da Pedra Lavrada, na Paraíba, não está gravada em fenício (cananeu), mas em grego (LIMA, 1953, p. 45).

Surpreendentemente, não podemos descartar as semelhanças e afinidades que a Pedra de Retumba tem com sinais de povos antigos orientais, africanos e, por conseguinte, da observação de Lima, o Grego antigo. A seguir analisamos uma amostra do antigo alfabeto grego (Figura 5):

Figura 5 - Alfabeto grego. Acredita-se que tal sistema foi instituído por volta de 750 a.C.

A α Alpha	B β Beta	Γ γ Gamma	Δ δ Delta	E ε Epsilon	Z ζ Zeta
H η Eta	Θ θ Theta	I ι Iota	K κ Kappa	Λ λ Lambda	M μ Mu
N ν Nu	Ξ ξ Xi	Ο ο Omicron	Π π Pi	Ρ ρ Rho	Σ σ, ς Sigma
T τ Tau	Υ υ Upsilon	Φ φ Phi	Χ χ Chi	Ψ ψ Psi	Ω ω Omega

Fonte: Alfabeto Grego (2020).

Notamos que os caracteres destacados por Lima mostram-se evidenciados no desenho de Retumba. Rietveld fecha seu trabalho citando Vanderley de Brito “O sítio arqueológico mais próximo em qualidade técnica da Pedra do Ingá.” A observação final do autor sobre a Pedra de Retumba, em sua obra, exalta o monumento como um local sagrado.

Esta interpretação religiosa da pedra lavrada, de Pedra Lavra, da justifica toda a informação deste livro a respeito dela, porque fala da fé do povo na região da Paróquia de Nossa Senhora da Luz. Perto desse santuário pré-histórico se erigima, milhares de anos depois, um templo cristão, que consegue atrair ao menos uma vez por ano, muitos peregrinos da redondeza (RIETVELD, 2010, p. 50).

Finaliza o padre Rietveld sobre a Pedra de Retumba.

A DESTRUÇÃO DA PEDRA DE RETUMBA

Gabriela Martin (2005) é uma arqueóloga que atualmente é ligada à Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação

em Arqueologia. Respeitada na arqueologia nacional, suas obras na Pré-História do Nordeste são utilizadas como base para muitas pesquisas e trabalhos acadêmicos, também sendo 1092 vezes citada, segundo o Google Acadêmico. Mais focada no Nordeste brasileiro, a pesquisadora ressalta a região do Seridó (microrregião) potiguar e paraibano, onde trabalha a subtradição Seridó8, na parte paraibana, na qual cita Picuí e Pedra Lavrada, Martin refere-se à Pedra de Retumba:

Em Picuí e Pedra Lavrada, na Paraíba a relação de sítios registados com gravuras, situadas nos cursos fluviais é extensa. Algumas delas estão registadas nos manuscritos de José de Azevedo Dantas (Indícios de uma Civilização Antiquíssima) como a grande inscrição de Pedra Lavrada, destruída para a fabricação de paralelepípedos, e que poderia ser, pelo desenho que se conserva, a mais próxima de Ingá (MARTIN, 2005, p. 298).

Para Gabriela Martin, a Pedra de Retumba fora destruída para a produção de paralelepípedos. No entanto, não se veem motivos para tal afirmação em sua menção, nem sequer um comentário de repúdio a suposto acontecido. Nunca esta teoria fora confirmada por qualquer cidadão local nem por nenhum pesquisador sobre o referido sítio, mesmo depois de seu aterramento (1971). Dias (2012), professora que atua em Pedra Lavrada e que defende a valorização do patrimônio local argumenta:

Não há provas que respaldem sua teoria, primeiro porque, apesar da região viver da exploração de minérios e das pedras, a área a qual está sendo estudada nunca foi fonte da extração mineral, e segundo, porque a autora faz afirmação, mas, no entanto, não disponibiliza nenhuma fonte de pesquisa que ateste o

8 Subtradição da Tradição Nordeste. No Seridó potiguar e paraibano, destacam-se figuras antropomórficas que expressam rituais de caça e dança, com figuras humanas cheias de adereços, cocares e armas. Dão impressão de movimento na imagem.

dato que a mesma levanta (DIAS, 2012, p. 15).

Notavelmente, não teve base tal afirmação da professora Gabriela Martin. Apenas o “desaparecimento” devido o aterramento da Pedra de Retumba juntando a falta de interesse dos órgãos responsáveis, até então, fizera pensar assim a arqueóloga.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por trazer em si algumas das variadas visões referentes à Pedra de Retumba, vemos o quão importante, significativo, misterioso, vulgar e inexplicável se torna o monumento, não apenas para curiosos, pesquisadores e teóricos, muitos leigos têm para si uma interpretação que varia mais que os que foram trabalhados aqui, vão de mapas astrológicos a mapas do tesouro, intercalando calendários e previsões de um fim dos tempos.

A cultura de supor e deduzir por meio de primeiras observações traz o romance popular para obras que ninguém, cientificamente, conseguiu concluir. Isso, além de deixar os séculos passarem em sua frente, dando idas e vindas, pesquisadores em Pedra Lavrada movimentam setores como educação e economia, fazendo, assim, a pequena cidade do interior paraibano em destaque nacional, não por sua conhecida riqueza mineral, mas por uma riqueza construída há pelo menos 6.000 anos A. P.

Averiguando e comparando as teorias mais fundamentadas, temos a impressão de que não foram povos naturais da América os responsáveis por gravar mensagens nas rochas. No que diz respeito a outros povos, senão os nativos americanos serem os responsáveis pelas artes rupestres encontradas em nossos sítios arqueológicos, pouco se tem de evidência científica. Temos datações que provam que, há pelo menos 40.000 anos, já era povoado o território do atual Brasil. Nesse contexto, é impossível não deduzir uma religião ou religiões, nas quais os milhares de tribos deveriam fé e devoção. Tendo em vista que, atualmente, as devoções religiosas de variadas denominações e cultos mantêm tradições de observação, penitência e mandamentos. Religiões de grandes proporções como, por exemplo, o Catolicismo, têm sua capital, sua igreja base, seus líderes e seus objetivos. Facilmente, ordenadas por um deus,

pessoas fazem coisas surpreendentes, assim como foram as construções das grandes pirâmides do Egito, ordenadas pelos faraós (deuses). Com isso, não se liga com profunda base científica de observação e provas a responsabilidade estrangeira para as itacoatiaras da Paraíba.

Também, dar-se-á impressão de um céu estrelado ao vê-las. Comparando com outros povos americanos primitivos, vemos o antigo calendário Maia, composto pela observação dos astros. Nada impediria supor, também, que nossos ancestrais não observassem os astros para uma orientação e/ou preparação de épocas de cheias e secas. Salientando que na Pedra de Retumba, localizada no Complexo Arqueológico do Cantagalo, encontram-se artes das três tradições (Agreste, Nordeste e Itacoatiara), assim sendo, desde que começaram artes nas rochas, o setor é povoado, talvez, como um local sagrado.

O que não poderemos descartar sem provas é a originalidade nativa. A arte rupestre brasileira é a arte original do Brasil.

REFERÊNCIAS

ALFABETO GREGO. Disponível em: <https://www.infoescola.com/comunicacao/alfabeto-grego/>. Acesso em: 25 mar. 2020.

BRITO, Vanderley de. **Arqueologia na Borborema.** João Pessoa: JRC, 2008.

BRUNET, Louis Jacques. Memórias sobre as inscrições rupestres no Nordeste. In: ROSADO, Vingt-um. **Louis Jacques Brunet, naturalista viajante.** Mossoró: Coleção Mossoroense, v. I, série C, Vol. 80. 1973.

CARTA a Ladislau Neto, Palácio Imperial, 16 de setembro de 1872. In: NETO, Ladislau. **Lettre a Monsier Ernest Renan a propôs de L'inscription Phénicienne apocryphe soumise en 1872 a L'Intitute historique, géographique et ethnographique du Brésil.** Rio de Janeiro: Imprimerie à vapeur Lombaerts & Comp., 1885.

CIVILIZAÇÕES ANTIGAS – FENÍCIA. Disponível em: <https://www.infoescola.com/civilizacoes-antigas/fenicios/>. Acesso em: 26 mar. 2020.

DANTAS, José de Azevedo. **Indícios de uma civilização antiqüíssima.** João Pessoa: A União, 1994.

DIAS, Ledeny Priscila. **A Pedra de Retumba:** Escavando uma História. UEPB, 2012.

FONSECA, J. A. **Brasil antigo.** Disponível em: https://www.google.com/search?q=desenho+da+pedra+de+retumba&client=firefox-b-d&sxsrf=alekko1orqofqb4dye9pht2vuf-tgjor-q:1585163880704&tbm=isch&source=iu&ictx=1&fir=wrksnludwisopm%253a%252cnlkm-rqp4h1hum%252c_&vet=1&usg=ai4_-kre1p2risi_v8kxzgxjnr5_fm-zrwa&sa=x&ved=2ahukewj9sztqq7boahxhhrkghu5bbdsq9qewanoecakqiw#imgrc=wrksnludwisopm&imgdii=ufpx_olom2d9gm. Acesso em: 25 mar. 2020.

GALDINO, Luiz. **A Astronomia Indígena.** São Paulo: Ed. Nova Alexandria, 2019.

LIMA, Pe. Francisco. *In:* RIETVELD, Pe. João Jorge. **História da Paróquia de Nossa Senhora da Luz de Pedra Lavrada:** a devoção de José Bezerra da Costa. Campina Grande: Maxgraf, 2010.

MARTIN, Gabriela. **Pré-História do Nordeste do Brasil.** 4. ed. Recife: Editora da UFPE, 2005.

RETUMBA, F. S. S. Relatório do Engenheiro de Minas Francisco Soares da Silva Retumba, dirigido ao Exmo Sr. Dr. Antônio Herculano de Souza Bandeira, Presidente da Província da Parahyba. *In:* TAVARES, João de Lira. **A Parahyba.** Parahyba: Imprensa Oficial, 1910.

RIETVELD, Pe. João Jorge. **História da Paróquia de Nossa Senhora da Luz de Pedra Lavrada:** a devoção de José Bezerra da Costa. Campina Grande: Maxgraf, 2010.

SANTOS, José Ozildo dos. **Construindo a história:** as inscrições rupestres de Pedra Lavrada. Disponível em: www.blogspot.com.br;

Acesso em jan. 2010.

TEORIA DA PRESENÇA FENÍCIA NO BRASIL. Disponível em: https://www.wikiwand.com/pt/teoria_da_presen%C3%A7a_de_fen%C3%ADcios_no_brasil#/inscri%C3%A7%C3%A3o_da_%22pedra-lavrada_na_prov%C3%ADncia_da_para%C3%ADba%22,_em_%20jardim_do_serid%C3%B3,_rn. Acesso em: 23 mar. 2020.

CAPÍTULO III

A PEDRA DE RETUMBA E O ESTUDO DAS ITACOATIARAS DA PARAÍBA

Karen Nadja de Souza Morais (UEPB)
karenmorais9@hotmail.com
Lucas Ramon Porto de Assis (UEPB)
lucasramon2009@hotmail.com

INTRODUÇÃO

A descoberta da famigerada Pedra de Retumba, indubitavelmente, configurou-se enquanto um dos grandes marcos na arqueologia paraibana do século XXI, posto que representou a materialização de um grande e transcendental mistério, por muitos, considerado mero mito. Tal monumento, pelos esforços da equipe do Laboratório de Arqueologia e Paleontologia da UEPB (LABAP/UEPB), veio à tona e permite já que algumas considerações sejam feitas em relação à riqueza de gravuras que apresenta a Itacoatiara, desde finais do século desaparecida. Consequentemente, o presente artigo tem como objetivo realizar sintética apresentação dos estudos preliminares possíveis dispensados à Pedra, primordialmente contrapondo-a com outra icônica e muito importante itacoatiara, aquela da cidade de Ingá, além das demais impressões rupestres de mesma natureza.

Para a consecução do objetivo acima mencionado, faz-se necessário apresentar os conceitos primordiais acerca do objeto de estudo, as Itacoatiaras, assim como sintetizar a caracterização daquela chamada de Retumba, ao que se haverá de proceder. Tal fato não significará o

reconte do processo de escavação, ou mesmo as especificações espaciais e geográficas das localidades onde se encontram os monumentos arqueológicos, posto que tal esforço já está a ser realizado por outros pesquisadores, além de não ser este o enfoque principal do presente artigo. Desta maneira, o entendido resultado será o de propiciar um panorama geral daquilo sabido acerca do intrigante monumento arqueológico ao que se convencionou denominar Itacoatiara, demonstrando ainda mais claramente a potencialidade científica que a descoberta da Pedra de Retumba de fato possui.

Em conseqüente, a contextualização de que trata o predecessor parágrafo permitirá ao leitor maior familiaridade com o problema principal do presente artigo, que é, ao fim e ao cabo, compreender as congruências e distanciamentos observáveis nas técnicas petroglifas dispensadas na confecção do painel de Retumba, município de Pedra Lavrada, em relação àquelas de Ingá, em homônimo município. O propósito de se partir a tal empreitada, demasiado incipiente, é o de atestar a particularidade do tipo de monumento arqueológico em questão (a Itacoatiara), nomeadamente no estado da Paraíba, apresentando subsídios para consubstanciar o estabelecimento de uma subtradição de arte rupestre que a este (Monumento Itacoatiara) diz respeito: a Subtradição Ingá, idealizada pelo eminente Professor Doutor Juvandi de Souza Santos (SANTOS, 2015), após inúmeros estudos em diversas itacoatiaras da Paraíba.

Ressalvando a impossibilidade de confirmar a tese levantada pelo Professor Juvandi de Souza Santos, este trabalho apenas limita-se a apresentar as impressões iniciais dos estudos ainda pouco extensivos neste sentido. Em sendo trazido à vista o grande e rico painel que se chama Pedra de Retumba, foi esta uma grande oportunidade para que comparações efetivas se dessem, e o esforço despendido vem aproveitar tal possibilidade, naturalmente não se propondo a ser o júri deste processo e expedir-lhe veredito, mas apenas de se somar ao de tantos outros trabalhos predecessores e sucessores que, complementarmente, possam oferecer suficientes subsídios que atestem efetivamente os requisitos para inequívoca definição da Subtradição Ingá nas Itacoatiaras da Paraíba e além (OLIVEIRA, 2007).

CONCEITOS INICIAIS

Primordialmente, é essencial que algumas basilares definições sejam apresentadas, uma vez que estas se fazem necessárias para a compreensão da tese preliminarmente proposta no presente artigo. O primeiro deles, considerando a sua primazia para todo o embasamento de trabalho, é o de Itacoatiara, que poderia ser sinteticamente conceituada enquanto sítios arqueológicos localizados em cursos d'água (rios, lagoas, tanques), os quais são compostos de gravuras (marcas feitas na rocha, sem pigmentos) dispensadas na pedra (SANTOS, 2015). No entanto, no Seridó Oriental da Paraíba, já foram identificadas Itacoatiaras distantes de corpos d'água, a exemplo do sítio arqueológico dos Olivas I (Figura 1).

Figura 1- Sítio arqueológico Olivas 1, município de Nova Palmeira, Paraíba



Fonte: Juvandi de Souza Santos.

Conhecendo-se as Itacoatiaras, duas outras definições fazem-se necessárias, tendo em vista o escopo do trabalho: de Tradição e Subtradição rupestres. No caso da primeira, esta “é caracterizada por apresentar os horizontes culturais de um dado grupo humano, ou seja, determinados

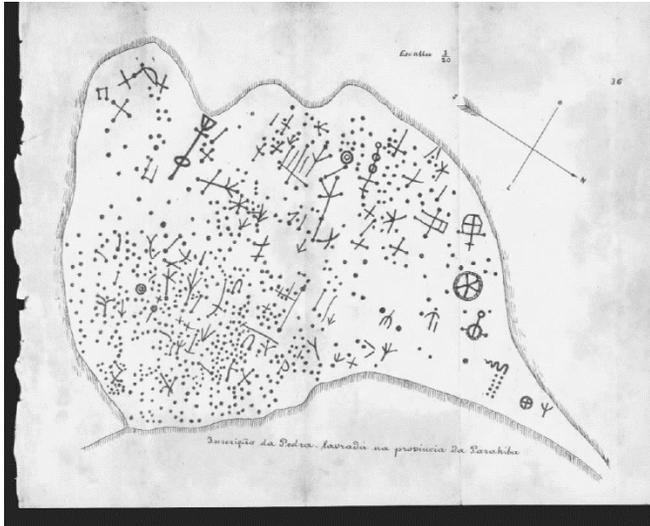
traços capazes de identificar aquele grupo étnico” (SANTOS, 2007, p. 11). A segunda “pode ser caracterizada [...] como grupo desvinculado de uma tradição e estabelecida em outra área geográfica em condições ecológicas diferentes que implica a presença de elementos gráficos novos [...]” (MARTIN, 2003, p. 4, *apud* SANTOS, 2015, p. 19).

Assim, apresentados os três conceitos essenciais que serão importantes para compreensão da tese elevada, já se pode inferir o papel (possivelmente) desempenhado pela Pedra de Retumba. Entendo o fato de uma Subtradição ser a expressão de uma tradição já observada em outra área geográfica, a problemática que se busca ressaltar é, precisamente, a convergência nas técnicas, em «temáticas» e nos grafismos próprios observados entre os dois grandes painéis (Retumba e Ingá), evidenciando a manifestação de uma Tradição (neste caso, Itacoatiara) em outra localidade, da primeira distante, mas com características que poderiam levar à constatação de similaridade entre ambas, o que configuraria a Subtradição (Ingá, que poderia estar presente na longínqua cidade de Pedra Lavrada, a Pedra de Retumba).

CARACTERÍSTICAS DA PEDRA DE RETUMBA

Congruentemente àquela encontrada em Ingá, a Pedra de Retumba está localizada na passagem de um rio e, em tempos de cheia, fica completamente submersa. Apesar disso, o painel onde se encontram as gravuras, por se tratar de um lajedo de 7,10m de comprimento e 5,10m de largura, sobreposto por um matacão (Figura 2), apresentava-se em todo coberto por sedimentos na altura das escavações que o evidenciaram, sob camada já consideravelmente compacta, totalizando cerca de três metros. Constatou-se, ao fim do processo arqueológico, que o monumento configura-se enquanto um painel repleto de gravuras rupestres, num total aproximado de trezentas destas manifestações rupestres, de natureza vária, conforme permite inferir a Figura 2 e confirmar a Figura 3.

Figura 2 - Desenho feito por Francisco Retumba em 1886



Fonte: Fonseca (2020).

Figura 3 - Descobrimto da Pedra de Retumba, lajedo sob matação



Fonte: Juvandi de Souza Santos.

Ao examinar os grafismos, destaca-se a grande quantidade de capsulares espalhadas por toda a pedra de forma desordenada. Ao contrário do que se observa em Ingá, a Pedra de Retumba está constituída por gravuras bem menos complexas, apesar de algumas consideráveis similitudes haver entre certas gravuras de ambos os monumentos. Tomando por base a classificação de Martin (2005), a qual preconiza haver três modalidades de variações técnicas para gravar suportes rochosos, para as quais definiu os termos denominativos de: meia-cana (baixo-relevo), picoteamento e raspagem, observa-se que a Pedra de Retumba pode ser enquadrada enquanto pertencente ao primeiro destes denominativos, meia-cana.

Em congruência, segundo o Professor Juvandi de Souza Santos (2015), a Pedra do Ingá e outras Itacoatiaras da Paraíba apresentam a predominância desta mesma técnica gráfica, a qual consiste “em sulcos profundos, atingindo até 8 mm e largos, [...] (com) interior côncavo muito bem polido e baleado” (SANTOS, 2015, p. 25). Assim, importante é destacar as características observáveis na Pedra de Retumba, em vistas a buscar a inter-relação com estas demais Itacoatiaras, no anseio por constatar-se a permanência de padrões que poderiam vir a permitir à constatação de uma entendida Subtradição Ingá, padrões estes que são:

O posicionamento ao longo de cursos d'água, a forma curva e complexa dos grafismos, pontos ou pequenas formas circulares gravadas ordenadamente, e que dão a impressão de linhas de contagens, denso preenchimento dos painéis, além da técnica de raspado e polido contínuo na elaboração dos grafismos (MARTIN, 2005, p. 298, *apud* SANTOS, 2015, p. 22).

Assim, apresentado panorama geral acerca do achado da cidade de Pedra Lavrada, a Itacoatiara de Retumba, realizar-se-á conciso comparativo entre este monumento arqueológico e o outro igualmente icônico do município de Ingá.

CONGRUÊNCIAS DE UMA SUBTRADIÇÃO INGÁ

Neste sentido, sabendo dos critérios a serem seguidos para uma possível evidenciação da Subtradição Ingá, a Pedra de Retumba, possui similitudes com o painel da cidade homônima à classificação, para além das técnicas de produção. Tal constatação melhor será comprovada com o contraponto de imagens entre os dois monumentos protagonistas do presente trabalho, e esta seção será destinada a este propósito. Seguem as Figuras 4 e 5.

Figura 4 - Detalhe da Itacoatiara da cidade de Ingá, PB



Fonte: Dennis Motta Oliveira.

Figura 5 - Detalhe das gravuras observáveis na Itacoatiara Pedra de Retumba, Pedra Lavrada, PB



Fonte: Juvandi de Souza Santos.

A observação de ambas as imagens acima permite a rápida constatação de algumas similitudes entre ambas. Encontram-se gravuras assemelhadas, temáticas congruentes, quiçá, além de um completo preenchimento dos painéis rochosos, seja com impressões que permitam inferência de sua significação, seja com vários capsulares, os quais, no caso da Pedra de Retumba, estão dispostos de maneira menos ordenada, fazendo parte não apenas dos contornos da rocha. Além disso, já se poderiam notar, pelo esquema desenhado por Retumba, os capsulares são a predominância numérica e temática na homônima Pedra, ao passo que, em Ingá, observa-se em seu painel o destaque para as figuras mais elaboradas, e de mais qualidade técnica.

A observação dos dois monumentos, ademais, com o intuito de os comparar e possivelmente enquadrá-los em similar entendida Subtração, deve bem seguir os critérios elencados na seção anterior. Em primeiro lugar, no tocante à localização de ambos os painéis, esta é em muito similar, tendo em vista que ocorre em cursos de água, sujeitos à inundação sazonal. Sobre as formas curvas e complexas dos grafismos,

é fato que a qualidade técnica despendida à Pedra de Retumba é demasiado inferior àquela de Ingá, ainda que algumas figuras possam remotamente assemelhar-se entre si. Sobre a dispersão dos capsulares, esta pouco tem em comum entre os dois painéis, sendo a desordem a principal característica observada na recém-descoberta Itacoatiara. As técnicas que dão qualidade às gravuras, ademais são demasiado superiores no painel de Ingá, cujas figuras são muito claras, polidas e bem definidas, o que já não se observa no de Retumba. Ambos os painéis são muito bem preenchidos.

Contudo, apesar de similares em alguns detalhes, as Itacoatiaras de Ingá e Retumba possuem características muito próprias, que muito mais as diferenciam do que as permitem classificar enquanto relacionadas. É bem sabido que o tema de arte rupestre é demasiado complicado e controverso, posto que não muito se pode conhecer sobre os povos responsáveis pela execução de tais registros, além do que significam os padrões e os signos próprios. Assim, apenas fiando-se nos padrões e técnicas que são facilmente observáveis, e sobre os quais não há equívoco, é muito difícil afirmar que a Pedra de Retumba esteja de qualquer maneira relacionada com a de Ingá, ou mesmo com as demais encontradas na Paraíba, uma vez que todas se assemelham em questões gerais, mas muito diferentes são na padronização, no simbolismo e mesmo na qualidade para que sejam de alguma maneira agrupadas em conjunto. No entanto, alguns símbolos se repetem nessas duas Itacoatiaras, o que as aproximam em alguns pontos, levando-nos a qualificar/enquadrar a Pedra de Retumba na Subtradição Ingá, ao menos por enquanto, até que se avance mais e melhore nossas pesquisas nesse campo arqueológico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Baseado nos pontos levantados, concluímos que a redescoberta da Pedra de Retumba, além de um marco pelo fato *per se*, permitiu alargar-se ainda mais o campo de pesquisas para a arqueologia da Paraíba. O trabalho comparativo, sempre muito importante para a ciência arqueológica, pelo achado permitido, poderá refletir de maneira decisiva para a comprovação da manifestação da Subtradição Ingá, na longínqua cidade de Pedra Lavrada, o que haverá de possibilitar nova guinada no estudo das Itacoatiaras no estado da Paraíba e circunvizinhos.

O estudo, demasiado incipiente e preliminar, ora exposto apenas pôde trabalhar com os primórdios das investigações que haverão de ser desenvolvidas na Pedra de Retumba e, portanto, configura-se apenas como uma inicial contribuição àquelas. Haverá possibilidade daquilo aqui apresentado ser, ao fim e ao cabo, a convenção entre os arqueólogos estudiosos da tradição Itacoatira na Paraíba, ou mesmo que estes venham a julgar definitivamente a existência da já famigerada Subtradição Ingá, nela incluindo a Pedra de Retumba.

REFERÊNCIAS

FONSECA, J. A. **Brasil antigo**. Obtido em: https://www.google.com/search?q=desenho+da+pedra+de+retumba&client=firefox-b-d&sxsrf=alekko1orqofqb4dye9pht2vuf-tgjor-q:1585163880704&tbm=isch&source=iu&ictx=1&fir=wrksnludwisopm%253a%252cnlkm-rqp4hIhum%252c_&vet=1&usg=ai4_-kreip2risi_v8kxzgxjnr5_fm-zrwa&sa=x&ved=2ahukewj9sztq7boahxhhrkghu5bbdsq9qewanoecakqiw#imgrc=wrksnludwisopm&imgdii=ufox_olom2d9gm. Acesso em: 19 mar. 2020.

MARTIN, Gabriela. **Pré-História do Nordeste do Brasil**. 4. ed. Recife: Editora da Universidade Federal de Pernambuco, 2005.

OLIVEIRA, Thomas Bruno (org.). **Pré-História: estudos para a arqueologia da Paraíba**. João Pessoa: JRC, 2007.

SANTOS, Juvandi de Souza. **Ocorrências de Itacoatiras na Paraíba**. João Pessoa: JRC, 2007.

_____. **Estudos da Tradição Itacoatiara na Paraíba: Subtradição Ingá?** Campina Grande: Cópias & Papéis, 2015.

CAPÍTULO IV

A INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA DO SÍTIO PEDRA DE RETUMBA

Juvandi de Sousa Santos
juvandi@terra.com.br

INTRODUÇÃO

Há várias formas de se descobrir um sítio arqueológico: por acaso (durante, por exemplo, uma obra ou construção), por análise topográfico-cartográfica, fotografias aéreas, detectores e a terceira forma, que é a mais recorrente em nossa região, aquela em que a população local identifica o local que apresenta estruturas de alicerces, vestígios líticos e cerâmicos e, principalmente, a existência de arte rupestre.

No caso específico do sítio arqueológico Pedra de Retumba, foi a população local quem o descobriu em tempos imemoriais. Este sítio, pela beleza cênica, pela quantidade e qualidade de gravuras, foi sendo referenciado por muitos com o passar do tempo. Desde períodos remotos, existem registros do sítio, como já mencionados em outros textos deste livro.

Talvez o fato mais marcante do sítio Pedra de Retumba venha de seu desaparecimento por completo, nos anos 70 do século XX. Grandes enxurradas na região, onde o sítio encontrase, causaram estouro de barragens, assoreando completamente o sítio arqueológico e, apenas em princípio dos anos 20 do século XXI, é que, de forma sistemática, teve início o processo de evidenciação do sítio, seguindo várias etapas, como

demonstradas a seguir.

DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES

DESCRIÇÃO DO SÍTIO E ENTORNO IMEDIATO

O sítio em si, antes de ser evidenciado, aparentava ser um afloramento rochoso (micaxisto), com uma inclinação em torno dos 45°, formando um bonito abrigo rochoso (Figura 1), com a presença de pinturas rupestres em cor vermelha, quase imperceptível, e gravuras rupestres (pequenos capsulares) em um pequeno bloco rochoso que aflora colado ao bloco principal (Figura 2). O painel rupestre com as gravuras que deu nome ao sítio Pedra de Retumba, só foi, de fato, evidenciado acerca de 3 m de profundidade.

Figura 1 – Afloramento rochoso do sítio Pedra de Retumba



Fonte: Juvandi de Souza Santos.

Figura 2 – Bloco rochoso com algumas gravuras rupestres no sítio Pedra de Retumba



Fonte: Juvandi de Souza Santos.

O entorno do sítio arqueológico Pedra de Retumba está assim constituído:

- I. Existência de mais seis sítios arqueológicos de arte rupestre (gravuras e pinturas nas Tradições Agreste e Nordeste), formando um complexo arqueológico denominado de Cantagalo;
- II. Forte presença, no complexo, de materiais arqueológicos, tais como cerâmica e líticos;
- III. Área que vem sendo utilizada para atividades criatórias (suínos, bovinos e caprinos);
- IV. A área, especialmente próxima ao sítio Pedra de Retumba, apresenta grande quantidade de árvore algaroba (*Prosopis juliflora*), planta exótica que se proliferou na área de forma muito rápida. Para a realização das atividades arqueológicas, cerca de trinta (30) delas foram retiradas;
- V. A área do sítio e seu entorno imediato, ao menos quando o riacho Cantagalo, no período das invernadas está com água, transforma-se numa área de lazer sem controle, o que pode chegar a comprometer

a integridade dos sítios do complexo arqueológico da Cantagalo, em especial a Pedra de Retumba.

QUADRICULAMENTO E PROCESSO DE DECAPAGEM

Realizamos, inicialmente, o quadriculamento de uma pequena área do sítio, num total de três (03) quadrículas, assim denominadas: 1A, 1B e 1C (Figura 3). Em um segundo momento, no afloramento rochoso que surge colado ao imenso paredão com presença de gravuras rupestres, abrimos mais três (03) quadrículas: 2A, 2B e 2C (Figura 4) e, justamente no local em que se encontrava cerca de 3 metros de profundidade, foram abertas mais três (03) quadrículas, sendo 3A, 3B e 3C (Figura 5).

Após a descoberta do painel rupestre cerca de 3 m de profundidade, as atividades foram paralisadas, finaliza-se a primeira campanha, num total de três. Para continuarmos as atividades (segunda e terceira campanhas), foi solicitada autorização junto ao IPHAN para o uso de máquina retroescavadeira, objetivando a retirada da grande quantidade de areia que cobria o painel (Figura 6). Assim sendo feito.

Figura 3 – Quadrículas de número 1



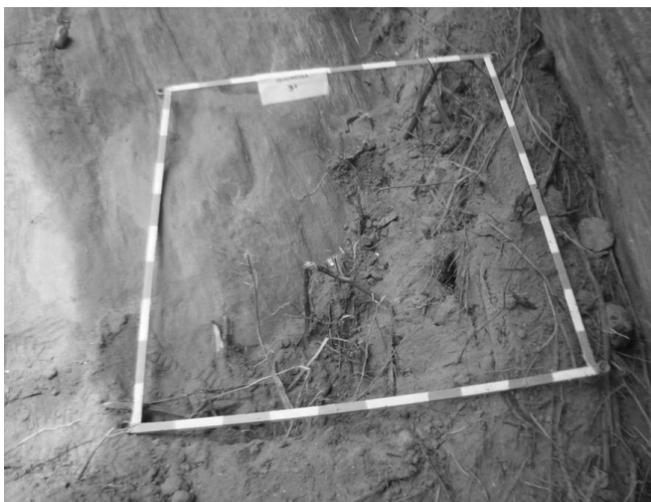
Fonte: Juvandi de Souza Santos.

Figura 4 – Quadrículas de número 2



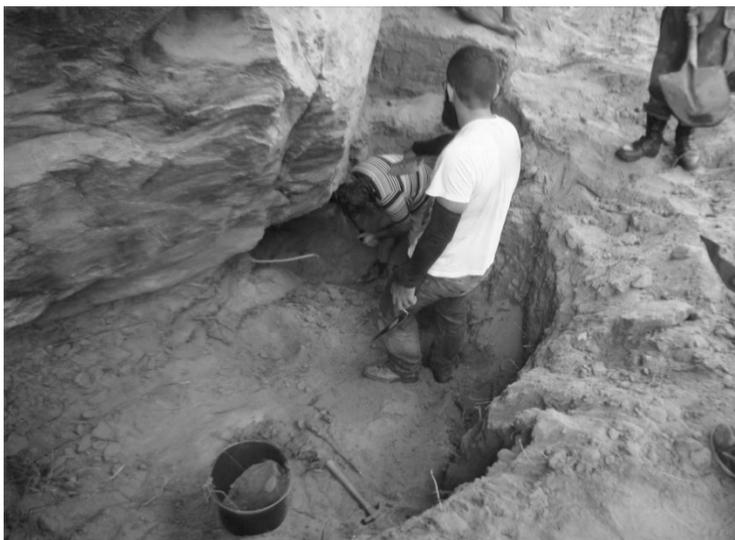
Fonte: Juvandi de Souza Santos.

Figura 5 – Quadrículas de número 3



Fonte: Juvandi de Souza Santos.

Figura 6 – Grande quantidade de areia que cobria o painel com as gravuras rupestres da Pedra de Retumba



Fonte: Juvandi de Souza Santos.

Com relação às decapagens, utilizamos a técnica artificial de 30 cm. Observando que nenhum material arqueológico era evidenciado, passamos a utilizar 50 cm, isso para as quadrículas de número 3. Para as demais (1 e 2), parávamos as atividades tão logo alcançávamos parte estéril ou rochosa sem a presença de gravuras rupestres e/ou materiais arqueológicos.

Durante essa etapa, todo o material (sedimento) retirado, mesmo sabendo tratar-se de areia carregada durante décadas pelas chuvas que anualmente caem na região e, portanto, sem que fosse identificado ou localizado material arqueológico, foi peneirado, estando a zona de peneiramento cerca de 7 m do local da escavação (Figura 7).

Figura 7 - Área de peneiramento do sítio



Fonte: Juvandi de Souza Santos.

O ESTADO DE CONSERVAÇÃO DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO PEDRA DE RETUMBA

De forma geral, quanto ao sítio em si e seu entorno, as depredações são poucas. No sítio, aparecem algumas poucas pichações e, no entorno imediato, há presença de lixo e plantas exóticas. A ambiência é um fator determinante para se entender o *modus vivendi* de um grupo humano e, portanto, nada pode ser desprezado (SANTOS, 2011), assim sendo, toda e qualquer ação danosa ao sítio deve ser combatida.

Com relação ao estado de conservação do painel rupestre principal, já que temos quatro (04) ao todo no sítio, sendo três (03) no paredão rochoso, o principal evidenciado cerca de 3 m de profundidade, encontra-se em perfeito estado de conservação e, comparado com o desenho feito por Francisco Retumba no ano de 1886, este coincide fielmente com as gravuras expostas atualmente (Figura 8).

Figura 8 - Painel rupestre evidenciado no sítio Pedra de Retumba

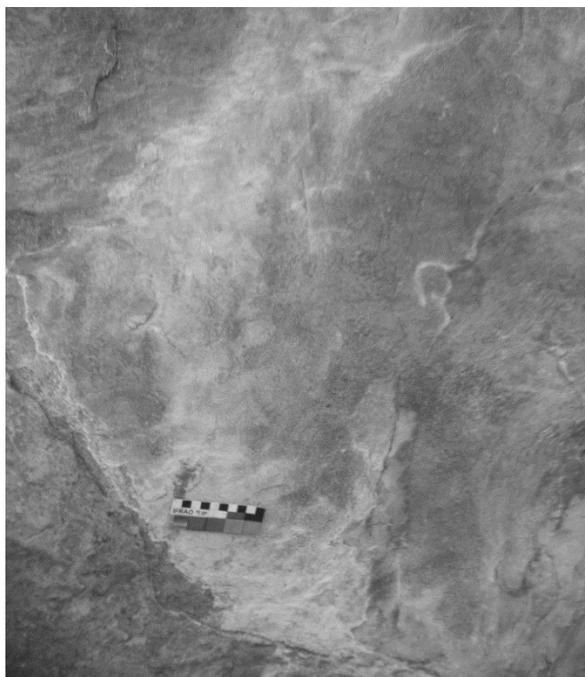


Fonte: Juvandi de Souza Santos.

TRADIÇÃO E SUBTRADIÇÃO RUPESTRE DA PEDRA DE RETUMBA

O sítio arqueológico Pedra de Retumba apresenta em sua totalidade ao menos quatro (04) painéis rupestres, sendo três (03) no corpo do imenso afloramento rochoso e em um pequeno bloco secundário (Figura 9), nas tradições Agreste e Itacoatiara e um (01) imenso Painel, o principal, com centenas de gravuras rupestres da tradição Itacoatiara, sendo este que emprestou o nome ao sítio arqueológico.

Figura 9 – Outro painel com figuras rupestres existente no sítio arqueológico Pedra de Retumba



Fonte: Juvandi de Souza Santos.

Anne-Marie Pessis (2003, p. 75) afirma que “as pinturas rupestres são uma porta de entrada para o conhecimento da vida na Pré-História, mas devem ser observadas com um olhar que permita ir além, sem interpretações infundadas”.

Rocha (1998, p. 86), quando analisou as figuras rupestres do sítio Serra Branca, em Vieirópolis, alto sertão da Paraíba, afirmou que a importância dos estudos de grafismos rupestres representa “a concretização do universo psico-cultural dos seus autores”. Existe, nesse sentido, a atuação de forças internas e externas no processo de confecção dos grafismos, pois internamente o(s) seu(s) autor(es) expõe(m) as suas psicologia e cultura que lhes são intrínsecas, além das características do grupo ao qual pertence e, externamente, levam em consideração fatores

como o ambiente ou suas práticas quotidianas. O resultado final, “o painel em si não pode ser visto como mera actividade abstracta, pois os grafismos estão cheios de significados simbólicos, representando, quem sabe, a vida do grupo” (SANTOS, 2011, p. 147), mesmo que seja, na visão de Aguiar (1998, p. 88), impossível “buscar o universo subjectivo completo que reside no interior de um conjunto gráfico”, entretanto, pode sim buscar a amplitude desse grupo, o grupo maior, o cultural, que perpassa o local, e isso se percebe através das diferenças e similitudes existentes nos grafismos rupestres de inúmeros sítios enquadrados em uma dada tradição, o aprofundamento dessas análises e a busca constante por respostas têm levado os pesquisadores da arte rupestre a diminuir o espaço gráfico, fecharem mais os estudos e buscarem pormenores comparativos, criando-se a ideia de Subtradição e estilos rupestres. Assim, o que fizemos na Pedra de Retumba, comparando com outros sítios rupestres da tradição Itacoatiara, buscando diferenças e similitudes, no que enquadrámos o sítio, pela análise técnica da confecção das gravuras e até mesmo similitudes com outras Itacoatiaras, a exemplo do Ingá, na Subtradição Ingá (SANTOS, 2015).

ANÁLISE GERAL DA ESCAVAÇÃO ARQUEOLÓGICA DO SÍTIO PEDRA DE RETUMBA

As características do painel rupestre evidenciado durante a escavação arqueológica do sítio Pedra de Retumba forneceu-nos subsídios para entendermos que esse tipo de gravura rupestre é comum em toda a região Nordeste do Brasil e, em especial, na Paraíba. Com exceção da área do litoral, ao menos até o momento, esse tipo de sítio é comum em quantidade significativa nos sertões da Paraíba.

O que torna o sítio notório foi o desaparecimento de seu principal painel, nos anos 70 do século XX, coberto por areia proveniente da região. Outro ponto interessante é que esse sítio foi desenhado algumas vezes e até fotografado. Com o seu desaparecimento e quase esquecimento, restou, por parte da comunidade local, criar um mito em torno da Pedra de Retumba, mito este que foi quebrado por nossa equipe. Eis a razão de tal sítio tornar-se tão importante para a comunidade local e para a arqueologia brasileira. Fora isso, a escavação evidenciou um belo painel rupestre com gravuras em meia cana, com certa profundidade e

predominância de capsulares. No painel, não foram identificadas pinturas rupestres.

Com as intensas chuvas que vêm ocorrendo na região (até o mês de maio de 2020), o sítio voltou a ser assoreado e o painel foi novamente coberto, até que uma nova campanha volte a retirar o material depositado sobre o lajedo que contém as gravuras rupestres. Esta situação será bem mais fácil de ser resolvida agora por dois motivos básicos: 1- já sabemos onde o painel está localizado; 2- fotografias e filmagens foram feitas das gravuras, facilitando sua identificação e preservação.

AS ATIVIDADES DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL DESENVOLVIDAS DURANTE AS TRÊS (03) ETAPAS DE EVIDENCIAÇÃO DO PAINEL PRINCIPAL DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO PEDRA DE RETUMBA

As atividades de Educação Patrimonial, exigidas por Lei quando de atividades arqueológicas, foram desenvolvidas apenas no sítio arqueológico. Nas três etapas, as escolas do município de Pedra Lavrada estavam no período de recesso escolar.

Cerca de duzentas (200) pessoas visitaram as atividades arqueológicas (Figura 10) e muitas delas participaram ativamente das etapas de iniciação da escavação (Figura 11), sendo um desses participantes quem primeiramente visualizou algumas gravuras rupestres do painel localizado cerca de 3 metros de profundidade.

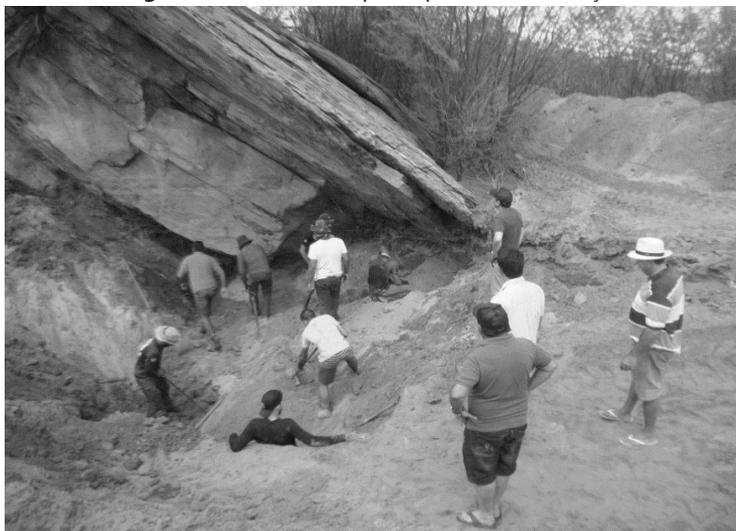
As atividades de Educação Patrimonial voltarão a ocorrer na quarta etapa, tão logo cessem as chuvas na região (a partir do mês de agosto) e haja a liberação do IPHAN Nacional para que essa ocorra. Nesta etapa, serão contempladas as escolas do município, com distribuição de material didático.

Figura 10 - Visita da comunidade e distribuição de fôlder explicativo durante a intervenção arqueológica no sítio Pedra de Retumba



Fonte: Juvandi de Souza Santos.

Figura 11- Comunidade participando da escavação



Fonte: Juvandi de Souza Santos.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Rodrigo L. S. de. **Manual de arqueologia rupestre** - uma introdução ao estudo da arte rupestre na ilha de Santa Catarina e ilhas adjacentes. Florianópolis: IOESC, 2002.

PESSIS, Anne-Marie. **Imagens da Pré-história**. São Raimundo Nonato: FUDHAM, 2003.

ROCHA, Francisco Eugénio P. Gurgel da. **Caracterização macro-espacial de sítios arqueológicos no alto sertão paraibano**, 1998. 125 p. Dissertação (Mestrado em História). Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFPE. Recife: UFPE, 1998.

SANTOS, Juvandi de Souza. **A escavação arqueológica da necrópole sítio Pinturas I, na APA das Onças, em São João do Tigre**: traços indeléveis dos indígenas Cariris nos sertões da Paraíba. João Pessoa: JRC, 2011.

_____. **Estudos da tradição Itacoatiara na Paraíba**: Subtradição Ingá? Campina Grande: Cópias & Papéis, 2015.

CAPÍTULO V

A PEDRA LAVRADA E O TURISMO

Thomas Bruno Oliveira

thomasbruno84@gmail.com

Dennis Mota Oliveira

dennismottaoliveira@gmail.com

[...] não é de todo o ponto impossível que o pálido raio de luz que julgamos divisar ao longe se torne algum dia gigante farol a iluminar a estrada da verdade. Cumpre, pois, quanto à Paraíba, que se cuide seriamente de colleccionar todas as inscrições que se encontram a miudo em nossos sertões (RETUMBA, 1886, p. 174).

LOCALIZAÇÃO DA PEDRA LAVRADA

O município de Pedra Lavrada está localizado a 100 km de Campina Grande e a aproximadamente 230 km da capital da Paraíba. Integra a microrregião do Seridó Oriental, compartilhando raízes históricas com Picuí e Cuité, duas das principais e mais antigas cidades da região. Sua riqueza mineral traz um aporte significativo para sua economia, só que a cidade possui muito mais do que minérios. Um patrimônio praticamente inexplorado é o arqueológico e todo o seu potencial. São inúmeros sítios de pinturas rupestres espalhados por todo o território, desde as proximidades da zona urbana até a Serra das Flechas, nos limites com

o Seridó do Rio Grande do Norte.

Um desses sítios arqueológicos tem um inestimável valor histórico, a Pedra Lavrada, também chamada de Pedra de Retumba. Considerado o principal patrimônio histórico do município, o sítio foi a principal referência para a denominação da pequena cidade; a pedra possui um grande painel com figuras gravadas, denominadas pela arqueologia de Itacoatiara, num imenso bloco rochoso no leito do Riacho Cantagalo (antigo Riacho Gado Bravo).

Aqui, pretendemos chamar a atenção para este sítio arqueológico como ferramenta para a atração turística, o que poderá garantir emprego e renda, a preservação do patrimônio arqueológico e, por conseguinte, elevando a autoestima da sua população.

VIAJAR É PRECISO

Desde os primórdios que a viagem acompanha o ser humano. Milhões de anos de evolução e milhares de anos em que o *homo sapiens* tem buscado a sua sobrevivência desbravando ambientes hostis até ocupar a grande parte do nosso planeta, conhecendo e habitando os mais diversos espaços.

A sua relação de aprendizado com o ambiente foi intensa na observação e nos experimentos, ocasionando, conseqüentemente, uma experiência que repassou de geração em geração através de processos de aprendizagem, isso que garantiu a sua sobrevivência.

Como afirma Vere Gordon Childe:

O homem tem de aprender as estações adequadas para a caça das diferentes espécies de animais, ou para a coleta de diferentes tipos de ovos e frutas. Para fazê-lo com êxito, tem de, finalmente, decifrar o calendário dos céus; tem de observar as fases da Lua e os movimentos das estrelas, e compará-los com os movimentos botânicos e zoológicos já mencionados. E, como dissemos, o homem teve de descobrir, pela experiência, as melhores pedras para fazer ferramentas, e onde elas se encontravam. Mesmo para os homens mais primitivos, o êxito na vida exigia um corpo

considerável de conhecimento astronômico, botânico, geológico e zoológico. Ao adquirir e transmitir tal conhecimento, nossos predecessores estavam lançando as bases da ciência (CHILDE, 1986, p. 64).

Dessa maneira, o desenvolvimento da humanidade baseou-se na necessidade que o homem teve em viajar para sobrevivência, proteção, conquista, comércio, curiosidade e lazer. Grandes deslocamentos em grupo ocorreram na Pré-História; as civilizações antigas precisaram viajar e criaram rotas de comércio, como por exemplo, a “rota da seda” que ligou comercialmente a Europa e o Oriente de onde temos um dos melhores relatos de viagem de todos os tempos, “*Il Milione*” (As viagens de Marco Polo) contando as experiências do veneziano Marco Polo que ao retornar do Oriente descreve com riqueza de detalhes muito do que viu, também, chamado de “o livro das maravilhas”.

Além do comércio, outro deslocamento em massa que surgiu nos primórdios foi de cunho religioso: a peregrinação à Meca (século VII), peregrinação a Roma – dando origem aos termos “romeiro” e “romaria”. Tivemos, também, as Cruzadas entre os séculos XI e XIV; a grande expansão comercial e de conquista marcada pelas “Grandes Navegações” a partir do século XV que tornou as Américas território conhecido para o mundo moderno, enfim, o movimento do homem no meio passou a ser mais frequente e mais paramentado tecnologicamente.

As viagens tinham objetivos às vezes não tão claros, mas eram submetidas à tecnologia e poderio econômico dos povos. Evidente que essas viagens preliminares não caracterizam uma atividade turística propriamente dita. A diferença entre o conceito de viagem e turismo “[...] é que a primeira sugere o deslocamento, o ir e vir, a partida e o retorno; enquanto a segunda, implica uma atividade econômica e social extremamente complexa” (GEDEON, 2014, p. 16). A atividade turística se torna manifesta a partir da Revolução Industrial até seu desenvolvimento durante o século XX.

Em 1841, o inglês Thomas Cook organizou a primeira viagem coletiva, impulsionando um protoagenciamento de turismo, “[...] investiu em campanhas publicitárias de marketing no transporte de passageiros com tarifas reduzidas” (GEDEON, 2014, p. 20) “dando início a um

tipo de viagem ou de turismo em massa voltado exclusivamente para o lucro em larga escala, resultante da popularização das viagens” (BARBOSA, 2002. p. 53). Cook fez diversas viagens e nesses locais se articulou incentivando pessoas e negócios, criou o *voucher* de hotel e utilizou serviços de guias de turismo, a partir de 1846.

A palavra *turismo* tem origem no termo inglês *tourism*, adaptação do francês *tourisme*, também com origem no hebraico *tur*, que significaria uma viagem de reconhecimento (BARBOSA, 2002). Para a Organização Mundial do Turismo (OMT), o turismo é a atividade do “visitante”, que para ela é:

[...] una persona que viaja a un destino principal distinto al de su entorno habitual, por una duración inferior a un año, con cualquier finalidad principal (ocio, negocios u otro motivo personal) que no sea la de ser empleado por una entidad residente en el país o lugar visitado (RIET 2008, párr. 2.9). Un visitante (interno, receptor o emisor) se clasifica como turista (o visitante que pernocta), o como visitante del día (o excursionista) en caso contrario (RIETVELD 2008, p. 2-13).

Assim, o turismo é toda uma cadeia econômico-cultural reconhecida como “indústria sem chaminé” e que tem crescido em todos os continentes.

O AMBIENTE TURÍSTICO

Marc Boyer afirma que “a história do turismo é inteligível somente no longo prazo e em uma perspectiva sociocultural” (2003, p. 96), assim se faz necessário conhecermos o ambiente e como a região de Pedra Lavrada se tornou conhecida nacionalmente, isso faz toda a diferença.

A colonização da Paraíba teve frentes pelo litoral, a partir dos engenhos, e outras duas pelos sertões (de dentro e de fora) a partir de curraleiros que seguiram os rios até chegar a nossas terras. Na segunda metade do século XVIII, datas de terra, denominadas de sesmarias, eram concedidas a alguns colonos pela coroa portuguesa na região em

que deu origem à Pedra Lavrada, como testemunha a seguinte sesmaria de 16 de fevereiro de 1766:

João de Souza Bizerra, morador no Seridó, diz que cultivou umas sobras que achou devolutas no riacho de Sant'Anna, no lugar do Retiro, sertão do Seridó, que confrontam da parte do nascente com a Cornixara, do poente com a Carnauba e Jardim, do norte com o Boqueirão e do sul com o sitio da **Pedra Lavrada**, cujo sitio desagua para o mesmo rio, e porque carecia pedia três léguas de terra de comprido e uma de largo, na forma confrontada. Foi feita a concessão, no governo de Jeronymo José de Mello e Castro (TAVARES, 1982, p. 325, grifo nosso).

A referida sesmaria é a de nº 623, outras, porém, dão conta das primeiras terras ocupadas nessa região, como a de nº 628 “[...] e do leste com os providos da Serra das Flexas, Pedra Lavrada e Serra Branca tudo da banda de dentro da serra chamada Cotovelo [...]” (TAVARES, 1982, p. 327).

É notório que desde a chegada dos primeiros colonos que as inscrições que repousam no bloco rochoso do Riacho Cantagalo são conhecidas e marcaram com o seu topônimo a localidade.

No seguir de seu processo histórico, minerais são descobertos e explorados pelos proprietários no interior da Província. Disso originaram-se expedições para o reconhecimento do potencial, inclusive da região onde se encontra o atual município de Pedra Lavrada. Foi assim que, a partir de 1855, o francês Louis Jacques Brunet foi enviado pelo governo provincial dirigido por Sá e Albuquerque para o reconhecimento de potencialidades no território, dentre as observações do naturalista da flora, fauna, fósseis e minerais, Brunet dedicou uma série de anotações sobre as inscrições rupestres que encontrou ao longo do caminho:

É particularmente na Província da Paraíba que tive ocasião de ver as inscrições melhor gravadas. Citei em primeiro lugar aquela que existe em Cubati e

sobretudo em Pedra Lavrada nas margens dos afluentes do Rio Seridó (ROSADO e SILVA, 2001, p. 105).

As inscrições chamaram bastante à atenção do naturalista. Na sequência, em todas as cidades por onde andou, questionou a presença do que chamou de letreiros. E vem de Brunet a primeira preocupação quanto à preservação do lugar e, também, o primeiro desenho, entendendo a sua importância:

A grande inscrição de Pedra Lavrada mereceria em particular ser conservada num Museu mais conhecido. Tornar-se-ia dispendioso levá-la em partes. Poder-se-ia moldá-la seja em plástico seja em argila, tanto mais facilmente porque está gravada num rochedo mais ou menos horizontal⁹ (ROSADO e SILVA, 2001, p. 107).

Não se satisfazendo em apenas contemplar e registrar em suas notas, Brunet esboça um desenho detalhado das inscrições:

Para revificar as figuras alteradas e melhor as compreender eu molhava o rochedo a cada instante mas a evaporação deixava-me apenas o tempo de copiar¹⁰ uma figura de cada vez. Seria melhor passar uma esponja

9 Posição comprovada pela escavação arqueológica executada em fevereiro último sob a coordenação do arqueólogo Juvandi de Souza Santos e que originou essa publicação. Por estar soterrada pela aluvião há décadas, não sabíamos a verdadeira posição da rocha suporte das inscrições rupestres.

10 Pela descrição acima, acreditamos que no momento em que Brunet visitava a Pedra Lavrada, o naturalista estava sozinho, pois o ato de copiar cada inscrição era atrapalhado pelo tempo em que a molhava. É também a partir dessa descrição que acreditamos que o desenho não tenha sido feito pelo jovem Pedro Américo de Figueiredo e Melo que esteve acompanhando a caravana e sim pelo próprio punho. Se resistiu ao tempo, o desenho possa estar na Coleção Louis Jacques Brunet, estante que compõe a Biblioteca do Ginásio Pernambucano (ROSADO e SILVA, 2001, p. 337) ou mesmo no acervo do Museu Nacional.

Em 1886, foi a vez do engenheiro de minas Francisco Soares da Silva Retumba, também enviado pelo presidente da Província para explorar as potencialidades do território, deparar-se com as inscrições de Pedra Lavrada (que na época era pertencente ao município de Picuí) e produzir um relatório ao governante com um desenho detalhado anexo, ele afirma:

Como já disse, me pareceram em começo insignificantes os letreiros de que se trata; mas à medida que adiantava minha viagem, o interesse se me foi despertado. Notei bem depressa uma certa semelhança entre os caracteres de diferentes inscrições, algumas das quaes achavam-se a grandes distancias umas das outras; reparei que em um só letreiro muitíssimas vezes encontrava-se o mesmo signal repetido; varias letras se me gravaram por tal forma na memória que sem demora as reconhecia em qualquer parte; por fim fui obrigado a convencer-me de que os índios possuíam uma escripta. Mais subio de ponto essa minha convicção quando posteriormente encontrei os mesmos caracteres, já não só pintados, porém gravados, clara e perfeitamente gravados na rocha viva. Já não pairava mais duvida nenhuma em meu espirito: a evidência patenteava-se. Ao chegar em Pedra Lavrada tive o insigne prazer de travar relações com o ilustrado professor Lordão, em casa de quem hospedei-me. O primeiro cuidado do digno professor foi mostrar-me uma grande pedra contendo um letreiro de proporções vastas: motivo esse pelo qual a chama o povo de Pedra Lavrada. D'ahi o nome do povoado. Se me tendo comunicado haver o doutor Ladisláo Netto, em nome do Instituto Histórico, Geographico e Ethnographico do Rio de Janeiro, bem como o doutor Cícero Odon Peregrino da Silva, em nome do

Instituto Histórico e Archeologico Pernambucano, instalado em varias cartas para que se lhes enviasse um fac-simile da referida inscripção, resolvi copia-la integralmente e a encontrará appensa ao presente officio. O referido professor Lordão, a quem fora feito o pedido do doutor Cícero, encarregou-se de enviar ao Instituto de Pernambuco uma segunda copia em tudo idêntica a que remeto a vossa excelência (RETUMBA, 1909, p. 173-174).

Pelo grande interesse nas inscrições e o desenho remetido às autoridades, além da interação com o Professor Lordão¹¹ (em cuja residência ficou hospedado), que nascera na capital e tinha sido Deputado Estadual, as inscrições da Pedra Lavrada ganharam um apelido: Pedra de Retumba.

Já na década de 1920, o geólogo Luciano Jacques de Moraes, em trabalho para a então Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas (IFOCS), visita o lugar “Em um dos rochedos de Pedra Lavrada, na Parahyba, as garatujas a tinta encarnada estão misturadas às de baixo-relevo” (MORAES, 1924a p. 8).

Em 1927, o pesquisador José de Azevedo Dantas esteve no local e testemunhou as inscrições:

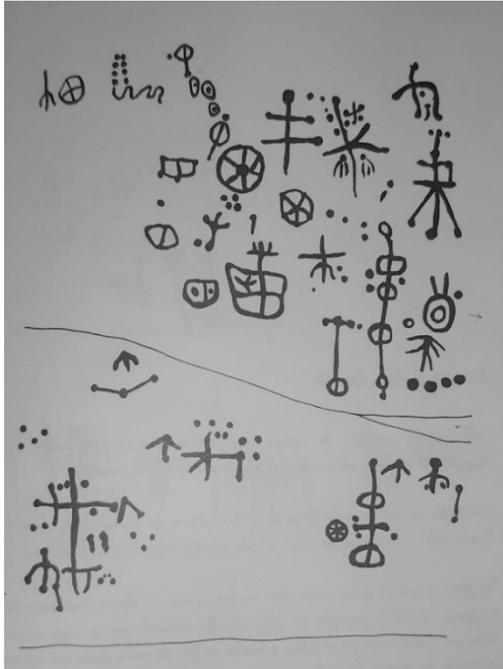
Pedra Lavrada – Inscrições pictografadas na pedra do segundo poço do “Gado Bravo”, a margem direita do riacho que toma o dito nome (segundo as antigas datas). A copia acima acha-se pictografada no lagêdo lizo e inclinado ao pé do rochedo, a margem direita do riacho (lado leste), da esquerda para a direita do

11 Graciliano Fontino Lordão: ‘Afamado latinista e professor’. Nasceu na Cidade da Parahyba a 12 de Agosto de 1844. ‘Dedicando-se ao magisterio, foi um esforçado professor primario durante longos annos’. Homem de bôa estatura, ‘mas de côr, dotado de superior intelligencia’, profundo em latinidades, foi por diversas vezes ‘deputado provincial e occupou cargos de responsabilidade nas repartições’ arrecadadoras da Parahyba (BARROS, 2018, p. 5). Hoje, o município de Picuí possui uma Escola Pública Estadual com o nome ‘Professor Lordão’.

observador [...] (DANTAS, 1994, p. 243).

Eis o desenho em questão (Figurar).

Figura 1 - Desenho das inscrições da Pedra Lavrada feito por José de Azevedo Dantas



Fonte: Dantas (1994).

Em 25 de agosto de 1934, foi a vez do Padre Luiz Santiago de Moura (Cuité) visitar e copiar em desenho¹² as figuras da Pedra Lavrada:

Apanhado das inscrições da Pedra Lavrada que deu o nome a povoação da qual fica a dita pedra distante mais ou menos 1km para o poente feitas em

¹² Desconhecemos o paradeiro desta inscrição.

baixo-relevo como batidas a cinzel, ora a tinta vermelha, ora fundo baixo-relevo sem colorido (MOURA apud RIETVELD, 2010, p. 45).

Em 1953, o Padre Francisco Lima, sócio do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano empreendeu pesquisas e afirmou: “Dou sobre a inscrição mais importante da Pedra Lavrada o meu testemunho pessoal”. “Estive ao pé do rochedo onde ela se achava gravada, à borda de um poço que acumula as águas do riacho de que fala Coriolano [...]” (LIMA, 1953, p. 123).

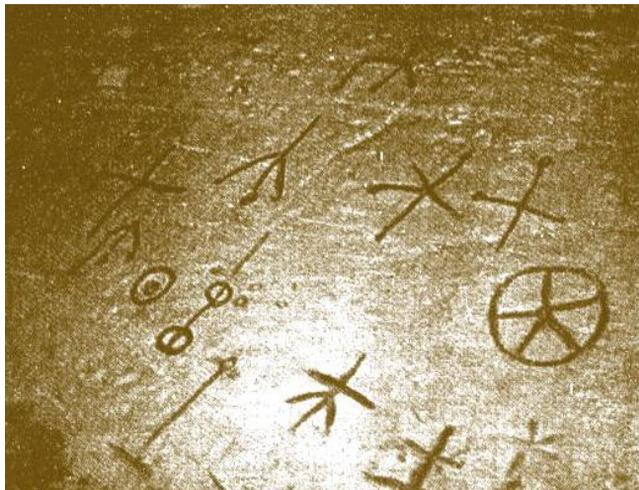
No início da década de 1970, o pesquisador Luiz Galdino, movido pela curiosidade do que já havia lido sobre a pedra, veio da região sul até o local e afirmou:

Em 1972, tive a oportunidade de ir àquela região num período de estiagem prolongada e vi a famosa Pedra do Retumba em sua amplitude a céu aberto, pois o açude que a submergiu por anos simplesmente estava seco. Infelizmente, fomos precedidos por cerca de meia hora por um grupo de escolares que frisou os relevos com carvão e óleo, produzindo um efeito falso aquele interessante registro. De modo geral, no entanto, as gravuras se achavam bastante diluídas pelo tempo, o que não impediu de constatar a fidelidade do desenho executado por aquele engenheiro em fins do século XIX. Ali, parece não haver dúvida nenhuma, temos o mapa de uma região do céu, que provavelmente coincide com aquele das noites paraibanas em determinados períodos do ano. Uma porção do céu com constelações ainda bastante visíveis (GALDINO, 2007, p. 118).

Vejamos que Galdino é o primeiro que informa a prática de vandalismo à Pedra de Retumba. Paradoxalmente, estudantes (provavelmente orientados por um professor ou professora) causaram dano ao sítio arqueológico e é, também, o primeiro que temos a informação que fez

um retrato das inscrições (Figura 2).

Figura 2 - Retrato das inscrições da Pedra de Retumba em 1972



Fonte: Galdino (2007).

Os anos se seguiram e após algumas cheias e a quebra de barragens na região, a Pedra de Retumba ficou submersa e depois soterrada completamente, dificultando até a especulação de que posição ela estaria naquele cenário do Riacho Cantagalo. Estivemos lá, em 2006, e constatamos o fato, o que vimos foi tão somente algumas inscrições pintadas na formação rochosa que possivelmente daria abrigo à Pedra Lavrada. Nasceu aí o mistério: a Pedra de Retumba ainda existe? A partir da escavação, o “segredo” foi descoberto e a possibilidade destas inscrições não serem mais submersas nem soterradas vai ser algo preponderante para a integração do turismo no lugar.

ALGUMAS POSSIBILIDADES PARA O DESENVOLVIMENTO DO TURISMO

Atualmente, não se pensa ou trabalha em turismo de maneira isolada, o caminho é buscar um modelo estrutural sistêmico em que se

consideram os elementos culturais, naturais e socioeconômicos integrados (BENI, 1998), de maneira que todos os valores e idiosincrasias locais possam ser integrados, impulsionando a cadeia produtiva que vai gerar emprego, renda e bem-estar (ALMEIDA, 2007).

O município de Pedra Lavrada está inserido em uma região semi-árida, de modesta oferta de água para além do consumo humano e de animais e modesta também é sua infraestrutura rodoviária. Não está como rota principal no Estado que pudesse favorecer um centro regional de distribuição comercial, nem mesmo esse cenário é propício para a instalação de grandes indústrias. É aí que o turismo se apresenta como alternativa. Tudo é história (VEYNE, 1976) e toda a história merece ser contada; a região possui sua singularidade histórica e geográfica e deve ser nesse sentido explorada.

É contando essa história, agregando todos os valores locais que as potencialidades serão vivas para o turismo acontecer. Todo lugar pode ser eterno! (ALMEIDA, 2007) e Pedra Lavrada possui a sua identidade maior que é seu nome. Quem vai a Pedra Lavrada terá que ver tudo, um verdadeiro “caldeirão”, no qual estarão a autoestima, o amor a terra, os traços e singularidades do lugar, toda a sua arte do fazer (CERTEAU, 2008) e de ser, todo esse valor integrado aumenta o que a economista Zélia Almeida (2007, p. 41) denomina de força local que é composta exatamente por aquilo que só aquele determinado lugar tem. Quem chega à cidade vai querer saber o porquê de seu nome ser Pedra Lavrada e vai querer ver a pedra com inscrições que a batizou e a tornou conhecida nacionalmente.

É inegável que o patrimônio de natureza arqueológica é bem maior e não se configura apenas naquele rochedo, no entanto, nenhum tem aquela marca histórica. Aliás, todos os sítios serão atrativos em um projeto integrado de turismo. Observando suas características de rocha suporte, distância da zona urbana ou localização com relação às serras e a vegetação de entorno, deverá se saber escolher qual sítio deverá ser alvo de uma trilha ecológica, qual será atrativo para o turismo científico, etc.

Neste caso, o município de Pedra Lavrada se encaixaria no que denominamos de “zona turística” (SEABRA, 2007) e ela faria parte de um circuito turístico, integrando outras cidades do Seridó Oriental da Paraíba, cada zona deixando-se explorar o que tem de melhor. Essa

integração reduz os custos de investimento em infraestrutura e também nos serviços, circuitos integrados têm funcionado bem no interior nordestino, como podemos dar como exemplo: Chapada Diamantina (BA), Caminho das Pedras e Serra do Catimbau (PE), Serra da Capivara (PI), etc. (SEABRA, 2007).

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Para o desenvolvimento do turismo em Pedra Lavrada sugerimos:

1. Levantar o potencial turístico do município (zona urbana e rural);
2. Transformar todo esse potencial em um material didático para o trabalho com as escolas do município e no trabalho de integração turísticas das potencialidades;
3. Promover formação com os professores do município;
4. Promover um curso avançado para guia turístico e condutor de eco-trilhas;
5. Sinalização padrão para todo o patrimônio turístico da cidade.

Objetivamente na Pedra de Retumba sugerimos:

1. Fazer um desvio nas águas do Riacho Cantagalo para correr em apenas um lado da pedra, isolando o outro para a visualização do sítio arqueológico;
2. Construir uma passarela de madeira em uma base de pedra para acesso;
3. Sinalizar o atrativo turístico;
4. Realizar um planejamento no lugar a fim de que os visitantes possam observar o sítio arqueológico sem dificuldade;
5. Produzir material didático para o trabalho com o patrimônio nas escolas.

Mediante a importância da Pedra de Retumba para os estudos de arqueologia brasileira e também a relevância histórica e patrimonial para o município de Pedra Lavrada, entendemos que esse atrativo é o principal ponto de visitação na cidade, ele deverá ser integrado ao acervo patrimonial existente e também deve ser visto no contexto geral da arqueologia na Paraíba, esta que está sem dúvidas em nível de destaque da Pedra do Ingá.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Zélia Maria de. **Cenários turísticos potencial e crise**. João Pessoa: Ideia, 2007.
- BARBOSA, Ycarim M. **A História das viagens e do turismo**. 2 ed. São Paulo: Aleph, 2002.
- BARROS, Surya Pombo Aaranovich. Graciliano Fontino Lordão: Um professor ‘decor’ na Parahyba do Norte. **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 18. 2018.
- BENI, M. C. **Análise estrutural do turismo**. São Paulo: SENAC, 1998.
- BOYER, Marc. **História do turismo de massa**. Bauru, SP: Edusc, 2003.
- CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano: Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- CHILDE, Vere Gordon. **A evolução cultural do homem**. 5. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1986.
- DANTAS, José de Azevedo. **Indícios de uma civilização antiquíssima**. Transcrição de manuscrito existente no IHGP; apresentação de Gabriela Martin. João Pessoa: A União; Col. Biblioteca Paraibana, vol. XI. 1994.
- GALDINO, Luiz. **Trazendo à tona a Pedra de Retumba**. Campina Grande: Boletim Informativo da Sociedade Paraibana de Arqueologia, ano II, no 10. 2007.
- GEDEON, Leonardo. **O passado em ruínas: turismo e patrimônio arqueológico em Torres/RS**. Ed. do autor: Torres, 2014.

LIMA, Francisco. Vestígios de uma civilização pré-histórica. **Revista do IHGP**, n. 12, 1953, p. 123-128.

MORAES, Luciano Jacques de. Serras e Montanhas do Nordeste. Publicações da Inspectoria de Obras Contra as Seccas, n. 58, série I. D. Vol. 2, Rio de Janeiro, 1924a.

_____. **Inscrições Rupestres no Brasil**. Publicações da Inspectoria de Obras Contra as Seccas, n. 64, série I. D. Vol. I. Rio de Janeiro, 1924b.

RETUMBA, Francisco Soares da Silva. Relatório dirigido ao Exmo Sr. Dr. Antônio Herculano de Souza Bandeira, presidente da Parahyba em 1886. *In*: TAVARES, João de Lira. **A Parahyba**. Parahyba: Imprensa Oficial. 1909.

ROSADO, Vingt-um; SILVA, Antônio Campos e. **Louis Jacques Brunet**: naturalista viajante. Vol. 1236. Natal: Coleção Mossoroense, 2001.

RIETVELD, Pe. João Jorge. **História da Paróquia de Nossa Senhora Luz de Pedra Lavrada**: a devoção de José Bezerra da Costa. Campina Grande: Maxgraf, 2010.

SEABRA, Giovanni. **Turismo sertanejo**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2007.

TAVARES, João de Lyra. **Apontamentos para a história territorial da Parahyba**. Ed fac-similar. Vol. 145. Natal: Coleção Mossoroense, 1982.

VEYNE, Paul. “A história conceitual”. *In*: LE GOFF, Jacques & NORA, Pierre. **História**: novos problemas. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1976.

Sobre o livro

Projeto gráfico/capa Erick Ferreira Cabral
Revisão Linguística e normalização Elizete Amaral de Medeiros

Mancha Gráfica 10,5 x 16,7 cm
Tipologias utilizadas Adobe Garamond Pro 11/13,2 pt

Este livro, escrito em um período pandêmico, materializa reflexões de professores de Língua Inglesa (LI), com base nos estudos feitos em disciplinas de um curso de Especialização, desenvolvido na modalidade EAD. É um livro de professores para professores, em formação inicial e continuada; é um convite para pensarmos juntos sobre temáticas que nos são tão caras na contemporaneidade: os multiletramentos, a multimodalidade, as TDICs (Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação) e o letramento visual crítico.

ISBN: 978 85 7879 688-4

